Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística
Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral

Tipologia e uso dos pronomes independentes na língua lakota

Roger Buono

Dissertação apresentada à faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de mestre em letras no Programa de Pós-
graduação em Semiótica e Linguística geral.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B943t Bueno, Roger
 Tipologia e uso dos pronomes independentes na
língua lakota / Roger Bueno ; orientador Paulo chagas
Souza. - São Paulo, 2017.
 147 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. lakota. 2. morfossintaxe. 3. funcionalismo. I.
Souza, Paulo chagas, orient. II. Título.

Nome: BUONO, Roger

Título: Tipologia e uso dos pronomes independentes na língua lakota

Dissertação apresentada à faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço profundamente a todo o conhecimento e sabedoria que pude aprender do povo lakota neste pouco tempo e à sua luta pela sobrevivência e pela manutenção de sua língua/tradição.

Agradeço à Universidade de São Paulo, à sua Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ao Departamento de Linguística pelo acolhimento e pela oportunidade de realizar este trabalho.

Ao Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, pela orientação, pelo incentivo e por ter depositado confiança em meu trabalho.

À profa. Dra. Ana Paula Scher e ao prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, que participaram do meu exame de qualificação e contribuíram com ótimas sugestões e questionamentos.

À CAPES, pela bolsa de estudos que, durante dois anos, foi minha principal fonte de renda.

Agradeço ainda a todos aqueles sem os quais eu não estaria aqui, em especial meus pais e avós, aos demais familiares e amigos, que muito me ajudaram, ainda que indiretamente com sua paciência.

Por último, agradeço a meu *orí*, por me apoiar e não me abandonar nos momentos mais confusos.

Resumo

O lakota é uma língua do tipo *head-marking* falada no centro dos Estados Unidos, principalmente nos estados de Dakota do Norte e Dakota do Sul. O presente trabalho visa analisar e demonstrar um aspecto da língua ainda pouco explorado: a morfologia da classe de palavras tradicionalmente conhecida como pronome. Há nesta língua evidências de que tal classe é composta de uma raiz verbal precedida por morfemas pessoais, os mesmos usados nos verbos regulares, e seu uso dentro de uma sentença é similar ao da clivagem. Da mesma forma que os pronomes pessoais, os substantivos, os números e os pronomes interrogativos também podem receber os mesmos morfemas em determinados contextos e, assim, exercer função de núcleo do predicado. O modelo teórico adotado para a análise da língua é a Gramática de Papel e Referência (Van Valin & Lapolla, 1998), um modelo funcionalista que busca compreender a manifestação de estruturas gramaticais levando em consideração seus aspectos semânticos e pragmáticos. Suas principais motivações são como desenvolver um modelo teórico baseando-se em línguas de tipologias diversas, especialmente aquelas de estruturas diferentes das do inglês ou de outras línguas europeias e de que modo a interação entre sintaxe, semântica e pragmática pode ser melhor descrita em sistemas linguísticos diferentes. A metodologia consiste em extrair e analisar as sentenças pertinentes de duas das maiores obras em língua lakota atualmente disponíveis: os livros *Dakota Texts* (Deloria, 1932) e *New Lakota Dictionary* (Ullrich, 2008). As sentenças serão analisadas de acordo com sua estrutura morfológica e sintática, bem como pelo uso que é feito das ocorrências. Além disso, será necessário apresentar também o uso das marcas de pessoa nos verbos, em especial aqueles usados na identificação e categorização de entidades, a fim de estabelecer paralelos entre as duas ocorrências.

Palavras-chave: lakota, morfossintaxe, funcionalismo

Abstract

Lakota is a *head-marking* language, spoken in the Midwest Region of the United States, mainly in the states of North Dakota and South Dakota. This work aims to analyze and demonstrate one aspect of the language that has been little explored: the morphology of the part of speech traditionally known as independent pronoun. In this language, there is evidence that such part of speech is composed of a verbal root preceded by personal morphemes, the same ones used in regular verbs, and its usage within a sentence is similar to that of the cleft sentence. As well as personal pronouns, nouns, numbers and interrogative pronouns may also have the same morphemes in certain contexts and, then, are able to perform the function of core of the predicate. The theoretical model adopted to analyze the language is Role and Reference Grammar (Van Valin & Lapolla, 1998), a functionalist model that seeks to understand the manifestation of grammatical structures, considering their semantic and pragmatic aspects. Its main motivations are how to develop a theoretical model based on languages of different typologies, especially those whose structures are different from the English ones and other European languages, and how syntax, semantics and pragmatics can best be described in different linguistic systems. The methodology consists of extracting and analyzing relevant sentences from two of the greatest works in Lakota language that are currently available: *Dakota Texts* (Deloria, 1932) and *New Lakota Dictionary* (Ullrich, 2008). The sentences will be analyzed according to their morphological and syntactic structures, as well as the usage made of the occurrences. In addition, it is also necessary to present the usage of personal marks in verbs, especially those used in the identification and categorization of entities, in order to draw parallels between the two occurrences.

Keywords: Lakota, morphosyntax, functionalism

Siglas utilizadas:

1sg	primeira pessoa do singular
1d	primeira pessoa do dual
2sg	segunda pessoa do singular
3sg	terceira pessoa do singular
3pl	terceira pessoa do plural
A	<i>actor</i>
ARG	argumento
ART	artigo
ASP	aspecto
CAUS	causativo
CON	contraste
CONJ	conjunção
DEF	artigo definido
DEIC	deítico
DUR	durativo
DT	<i>Dakota Texts</i>
ENC	enclítico
EVID	partícula de evidencialidade
FUT	futuro
IF	<i>illocutionary force</i>
IMPER	imperativo
IND	artigo indefinido
INT	interrogativo
INTERJ	interjeição
LOC	locativo
NEG	negativo
NLD	<i>New Lakota Dictionary</i>
NUC	núcleo

PER	<i>periphery</i>
PL	plural
POS	possessivo
POSP	posposição
REDUP	reduplicação
RP	<i>reference phrase</i>
STEM	parte da raiz da palavra que recebe infixos
TNS	tempo
U	<i>Undergoer</i>

Índice

Trajetória da graduação à pós graduação	1
Introdução	3
Capítulo 1 A língua lakota, seus falantes e sua história	7
1.0 Introdução	7
1.1 Os lakotas e sua língua	7
1.2 A presença da escrita na língua lakota: origens e fins	9
1.3 A tradição oral	10
1.4 Estruturas recorrentes nas narrativas orais em lakota	13
Capítulo 2 O sistema verbal e os morfemas pessoais	17
2.0 Introdução	17
2.1 O complexo verbal	17
2.2 A flexão de pessoa e número	20
2.3 A conjugação dupla	24
Capítulo 3 Os pronomes independentes	28
3.0 Introdução	28
3.1 A estrutura da sentença segundo a Gramática de Papel e	
Referência	28
3.2 Os pronomes independentes	37
3.3 <i>iyé</i>	38
3.3.1 <i>iyé</i> como argumento de um verbo	45

3.4	Pronomes interrogativos, negativos e substantivos	50
3.5	<i>iyé</i> em conjunto com posposições	68
3.6	<i>iyéš</i>	73
3.7	<i>íηš</i>	75
3.7.1	Estrutura morfológica	76
3.7.2	Ocorrências e usos	76
3.7.3	Análise sintática	80
3.7.4	<i>íηš-eyá</i>	88
3.8	<i>íηš iyé</i>	90
Capítulo 4	Pronomes independentes nas narrativas orais	97
4.0	Introdução	97
4.1	Estruturas de foco	97
4.2	Marcas de pessoa e estrutura de foco	100
4.3	Padrões derivados do <i>narrow focus</i>	103
	Considerações finais	111
	Apêndice	114
	Referências bibliográficas	125

Trajetória da graduação à pós-graduação

A ideia de estudar a língua lakota foi fruto de um longo processo que começou durante meu intercâmbio no Japão, realizado entre setembro de 2011 e agosto de 2012. Ao ter acesso à cultura e a um falante da língua ainu, etnia minoritária que vive na ilha de Hokkaido, interessei-me por sua estrutura linguística (a chamada língua polissintética) e seus aspectos culturais. Durante um tempo considerável, cogitei a possibilidade de estudá-la no mestrado, mas, enquanto isso, achei que seria interessante conhecer outras línguas com características similares. Descobri então que haviam muitas distribuídas ao longo da América e, ao voltar para o Brasil, comecei a frequentar os cursos de tupi e de guarani, oferecidos pela FFLCH a fim de testar as famosas semelhanças com o a língua japonesa¹. Passei também a procurar materiais de outros povos nativos da América e a me sensibilizar com a complexidade de suas culturas e de suas narrativas. Das línguas norte americanas, estudei durante alguns meses o inuktitut e o navajo, duas das línguas mais faladas atualmente e com maiores chances de sobrevivência. Este tempo foi importante pois pude entender ao longo do processo de aprendizagem alguns dos mecanismos linguísticos recorrentes nas línguas *head-marking*, como a incorporação nominal, o extenso sistema de afixos pessoais que podem indicar sujeito/agente e objeto/paciente ao mesmo tempo, voz anti-passiva, transitividade cindida dentre outros.

A dificuldade de acessar os poucos materiais didáticos e pesquisas existentes e a qualidade variada dos que podem ser mais facilmente encontrados nas livrarias limitam as línguas que são realmente viáveis de se aprender a distância. Os diversos projetos de revitalização linguística e cultural, desenvolvidos pelas comunidades interessadas e universidades, embora sejam direcionados para as suas respectivas etnias, foram o principal caminho que me levou ao estudo do lakota: ONGs como *Lakota Language Consortium* e *The*

¹ Em junho de 2013 apresentei um trabalho sobre este tema no I Seminário de Tupi, organizado pelo Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro e pelo Centro Angel Rama. Analisando a obra Tupi: língua oriental (xcafdfsfs), levantei evidências linguísticas e históricas que apontam inúmeros erros na comparação entre o vocabulário da língua japonesa e do tupi.

Language Conservancy têm se preocupado em desenvolver materiais didáticos para todas as faixas etárias e oferecer cursos de formação de professores, além de disponibilizarem sua tecnologia para outras etnias que tiverem interesse em preservar sua língua. Os inúmeros estudos históricos, antropológicos e linguísticos sobre este povo e as gramáticas e coletâneas de textos já publicadas proporcionaram também maior segurança no meu processo de aprendizagem. Para complementar minha formação e me preparar para analisar a língua lakota no mestrado, cursei ainda as matérias Fonologia e Morfologia em 2014 com meu atual orientador, Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza.

A leitura de textos antropológicos e históricos, as discussões sobre multiculturalismo e etnocentrismo, a leitura dos textos produzidos por nativos e, principalmente, a leitura do corpus introduziu ainda um outro elemento a ser levado em consideração: a tradição oral. Esta, bastante desenvolvida nos povos ágrafos ou nos povos que assimilaram uma escrita apenas em tempos mais recentes, como os lakota e os yorubá, conecta diversas áreas acadêmicas a etnias, minoritárias ou não, oferecendo a possibilidade de estudos interdisciplinares. Assim, tenho buscado também estudar e incorporar à minha pesquisa os fatores relevantes da tradição oral na língua lakota.

Introdução

Esta dissertação de mestrado visa apresentar uma descrição e análise dos pronomes independentes na língua lakota. Estes pronomes, ainda pouco explorados nos trabalhos acadêmicos, apresentam peculiaridades quanto sua forma e usos. Uma vez que a proposta é abarcar seu uso em um contexto mais amplo, serão apresentadas também ocorrências dentro das narrativas orais coletadas da obra *Dakota Texts* (DELORIA, 1932), de onde foi retirado o corpus. Desta forma, pretendemos abarcar as marcas de pessoa em dois níveis: (1) sua estrutura morfológica e sintática, levando em consideração seus aspectos tipológicos, e (2) seu uso dentro da narrativa oral, como forma articular os tópicos e as informações novas.

A escolha da obra *Dakota Texts* (DELORIA, 1932) para extrair o corpus da pesquisa foi motivada primeiramente pela sua relevância cultural e histórica. Foi um dos poucos estudos acadêmicos realizados por uma mulher da própria etnia, que apresenta seu povo não apenas como objeto de estudo mas também como sujeito complexo e capaz de articular sua tradição dentro das narrativas. Além de ser a maior coletânea de narrativas orais em língua lakota já publicada, tem servido de base para várias pesquisas, inclusive para a seleção de exemplos de uso do *New Lakota Dictionary* (ULLRICH, 2011). A precisão da ortografia adotada, o trabalho meticuloso na coleta dos textos e as várias notas de rodapé com explicações culturais e linguísticas conferem credibilidade à obra.

Outra fonte de marcas de pessoa utilizada na pesquisa foi o próprio dicionário e seus exemplos de uso para cada verbete. Desenvolvido a partir de 2008 pela *Lakota Language Consortium*, apresenta apenas usos atestados por falantes nativos e comporta um grande número de ocorrências. Deu-se preferência, no entanto, para os termos colhidos nas narrativas, uma vez que um dos objetivos da pesquisa é estudar também as estruturas de foco e, para isso, é mais adequado manter o exemplo dentro do contexto.

Para indicar a fonte do exemplo, será incluído após a tradução para o português uma referência ao corpus com a seguinte formatação: Para as sentenças de *Dakota Texts* (DT) indicaremos a página e, para as sentenças de

New Lakota Dictionary (NLD), indicaremos tanto a página quanto o verbete que a inclui.

O processo de recolhimento e análise das sentenças deu-se da seguinte forma:

Primeiro, os 63 textos foram lidos em lakota e em inglês, para que seu sentido geral fosse compreendido. Quando necessário, aspectos culturais e mitológicos foram pesquisados principalmente nas obras *The Sioux* (HASSRICK, 1964), *The sons of the Wind* (DOOGLING, 1984) e *Lakota Myth* (WALKER, 1983). Em seguida, foram pesquisadas no dicionário e nos materiais didáticos todas as estruturas e vocabulários não compreendidos. Parte deles ocorreram devido à antiguidade do texto e o uso de termos arcaicos. Para solucionar este problema, usei como referência a indicação de termo arcaico ou obsoleto apresentados pelo *New Lakota Dictionary* (ULLRICH, 2011) e evitei usar tais sentenças na análise. Cumprida esta etapa, procurei todas as ocorrências de pronomes independentes e interrogativos e as separei de acordo com a posição da palavra dentro da oração (núcleo verbal, *periphery* ou *reference phrase*) e de acordo com o tipo de estrutura apresentada, juntando o máximo de exemplos possíveis para cada morfema.

A análise foi feita seguindo os mecanismos oferecidos pela Gramática de Papel e Referência (VAN VALIN, 1997). Este modelo possui uma abordagem funcionalista e procura explicar os fenômenos linguísticos levando em consideração aspectos semânticos e pragmáticos. Assim, diferente das teorias formalistas, rejeita a autonomia da sintaxe. Van Valin (1997) esclarece:

The motivating questions for RRG were, 'what would a linguistic theory look like if it were based on the analysis of languages with diverse structures, such as Lakhota, Tagalog, Dyirbal and Barai (Papua New Guinea), rather than on the analysis of English?', and 'how can the interaction of syntax, semantics and pragmatics in different grammatical systems best be captured and explained?' These two questions contain both theoretical and descriptive content. On the one hand, they both emphasize the importance of taking account of typologically diverse languages in the formulation of a linguistic theory, and on the other, they indicate that the

resulting theory will be one in which semantics and pragmatics play significant roles.

O modelo teórico não postula nenhum tipo de estrutura subjacente ou morfema nulo. Assim, o corpus foi analisado sempre como é apresentado. Outra característica importante do modelo teórico é sua orientação tipológica. Há uma preocupação em respeitar as especificidades estruturais da língua lakota e um dos objetivos deste critério é analisar uma língua do tipo *head-marking* tomando cuidado para não classificá-la segundo padrões aplicáveis às línguas *dependent-marking* se não houver evidências morfossintáticas para isso. Esta abordagem se fará importante principalmente na discussão dos pronomes independentes, onde postularei questões sobre terminologia e apresentarei exemplos que demonstrem os limites de sua aplicação.

A *Gramática de Papel e Referência* postula também um modelo de análise das estruturas de foco da sentença, aproximando questões morfológicas e sintáticas de seu uso pragmático. Sendo este também um dos objetivos da pesquisa, buscaremos classificar os usos dos afixos pessoais e pronomes independentes dentro dos padrões de foco e topicalização apresentados na narrativa. Os mecanismos utilizados pelo modelo teórico e exemplos de aplicação usando a própria língua descrita serão introduzidos ao longo dos capítulos, de acordo com a relevância para a análise.

A dissertação está estruturada da seguinte maneira:

No capítulo 1 apresentaremos a etnia lakota, parte de sua história linguística e sua tradição oral. Serão apresentadas também algumas das estruturas e morfemas mais comuns nestas narrativas.

No capítulo 2 serão introduzidos os elementos básicos para a compreensão da estrutura verbal em lakota como as possibilidades de afixos pessoais e as classes verbais.

No capítulo 3 serão analisadas segundo a Gramática de Papel e Referência (VAN VALIN, 1997) as duas classes de pronomes independentes e algumas de suas formas derivadas, buscando entender sua estrutura morfológica e sintática, bem como seu uso dentro das sentenças. Serão feitas

também comparações com algumas outras classes de palavras, como substantivos e verbos.

No capítulo 4 apresentaremos os mesmos grupos de pronomes/verbos, desta vez analisando seus usos enquanto estrutura de foco da sentença. Comentaremos também seu emprego dentro das narrativas estudadas.

Para fins de apreciação e referência, transcrevi com a ortografia moderna uma das narrativas compiladas por Deloria (1932) e acrescentei uma tradução parcial para o português.

Capítulo 1 O lakota, sua língua e suas histórias

1.0 Introdução

Neste capítulo trataremos da língua lakota enquanto seu aspecto histórico e social. Em 1.1, faremos uma distinção entre a língua lakota e dakota, apresentando o problema da terminologia. Em 1.2 trataremos da introdução da cultura escrita e das diversas ortografias. Em 1.3, comentaremos as características e a importância da tradição oral para a língua lakota. Por fim, veremos em 1.4 algumas das estruturas recorrentes nas narrativas estudadas.

1.1 Os lakotas e sua língua

Os lakota (*Lakǰóta*), também chamados de *teton* (*Thítǰunwan*) na literatura, compreendem vários grupos politicamente estruturados que vivem em sua maior parte nos estados de Dakota do Sul, Dakota do Norte e Nebraska, dentro e fora das reservas. Atualmente possuem cerca de 100 000 integrantes, formando uma das maiores etnias dos EUA. São sete as suas subdivisões: *Oglala* (*Oglála*), *Sicangu* (*Sičhánǰu*), *Hunkpapa* (*Hunǰpápǰa*), *Mnikowoju* (*Mnikǰówožu*), *Sihapapa* (*Sihásapa*), *Oohenunpa* (*Oóhenunpa*) e *Itazipco* (*Itázipčo*), e encontram-se distribuídas principalmente nas reservas Standing Rock, Cheyenne River, Pine Ridge e Rosebud.

Integram ainda um conjunto maior de povos, os dakotas, que possuem mais seis subdivisões. Um dos nomes usados para designar todas estas nações enquanto unidade é *Očhéthi šakówin* “As sete fogueiras”, mas é considerado um termo arcaico. Provavelmente o termo mais difundido para designá-los é *sioux*², que por vezes incluiu ainda os *Assiniboine*³ do Canadá. *Sioux* é uma abreviação do francês *Naduesiu*, que por sua vez é uma aproximação de *nadowe-is-iw-ug*, termo usado pelos ojibwe para designar os dakotas. A tradução literal é “inimigo

² O termo sioux também deu origem ao nome da família linguística a qual o lakota pertence.

³ Powers (1982) conta que os Assiniboinas ou Nakotas foram bandos yanktonais que se aliaram com a nação Cree e migraram para a região que atualmente pertence ao Canadá.

menor”. A falta de consistência no uso do termo *sioux* e a amplitude de seu conceito exigem que o pesquisador tenha cautela na seleção das informações a serem consideradas, a fim de não atribuir a todas essas nações as características de um grupo específico. O próprio nome *lakota* apresenta o mesmo problema uma vez que durante muito tempo foi aplicado também aos *lakotas*. As variantes *yankton-yanktonai* do Dakota são conhecidos também por *nakota*⁴, mas este nome parte da generalização de uma regra fonológica feita no século passado e é evitado pelos membros da comunidade. Atualmente, o termo *nakota* é usado para designar a nação assiniboine.

Personalidades como Touro Sentado (*Thátháŋka Íyotake*), Cavalo Doido (*Thášúŋke Witkó*), Nuvem Vermelha (*Maŋpíya Lúta*) e Alce Negro (*Heháka Sápa*), líderes políticos e espirituais que viveram no século XIX, atestam a força e a coerência política desses povos além de sua importância para um estudo crítico da expansão da cultura eurocêntrica nos Estados Unidos. Assim como a maioria dos outros povos nativos, opuseram-se não apenas ao avanço territorial e ao domínio político dos brancos, mas também a muitos dos padrões de vida. As etnografias Neihardt (1932), *Black Elk speaks*, Brown (1953), *Black Elk's the Sacred Pipe*, e Canku (2013), *The Dakota Prisoner of War Letters*, e Deloria (1932), *Dakota Texts*, são importantes obras de referência para compreender estes povos enquanto sujeitos da história.

A língua *lakota* é falada nos Estados Unidos e em partes do Canadá pelo pelas nações *Lakotas*. Concentra-se nas reservas Rosebud, Pine Ridge, Cheyenne River e Standing Rock. Apesar de ocupar uma área relativamente extensa, sua fonologia e morfologia são bastante homogêneas e assemelham-se também à língua *Dakota*⁵ falada nos mesmos estados e em Minnesota.

⁴ A equivalente sonora de /t/ no começo e no meio das palavras é /d/ nas variantes *Santee-Sisseton* e *Yankton-Yanktonai*, mas pronuncia-se /l/ em *lakota*. Daí surge a diferença no nome dos povos [dakhota] e [lak^xota]. No entanto, há algumas palavras em *Yankton-Yanktonai* que começam com /n/ onde nos demais começariam com /d/ ou /l/. Generalizando esta regra, muitos missionários acreditaram que *Yankton-Yanktonai* usavam sempre /n/ onde os demais diziam /d/ e /l/ e este povo passou a ser chamado de *Nakota*.

⁵ A língua *Dakota* divide-se em quatro dialetos principais: *Santee*, *Sisseton*, *Yankton* e *Yankonai*. Quando o *lakota* não é interpretado como língua independente, frequentemente é chamado pelo nome *Teton* e constitui o quinto dialeto. As variantes *Yankton* e *Yanktonai* tem o sistema fonológico mais próximo do *Santee* e *Sisseton*, mas possui mais cognatos comuns com o *Teton*, formando assim uma ponte entre os dois extremos.

Atualmente existem cerca de 5.000 falantes, sendo a maior parte acima de 60 anos.

O lakota faz parte da família Siouan, que compreende também outras 13 línguas: dakota, nakota (assiniboine), stoney, kanza, osage, quapaw, omaha, ponca⁶, winnebago, chiwere, hidatsa, mandan e crow. O lakota e o dakota são mutuamente inteligíveis e podem ser consideradas dialetos de uma mesma língua e, na prática, os falantes e materiais didáticos oscilam entre as duas definições. Já as línguas nakota e stoney, apesar de terem se desenvolvido a partir do subgrupo *yankton*, dos Dakotas há cerca de 400 anos, não são compreendidas com facilidade pelos falantes nem de lakota nem de dakota, por isso são consideradas línguas diferentes.

1.2 A presença da escrita na língua lakota: origens e fins

Sendo uma sociedade baseada na tradição oral, documentos escritos nas línguas sioux or nativos só foram produzidos com certa regularidade a partir do século XIX. A alfabetização dos povos nativos se deu, em sua maior parte, pelos trabalhos missionários dos padres e pastores cristãos, que criavam cartilhas e “ajudavam” as pessoas na transição para a chamada “vida civilizada”. Além destes, temos ainda as gramáticas, dicionários e bíblias feitas para familiarizar o religioso com a língua da nação a ser convertida, constituindo as primeiras tentativas formais de estudo linguístico e de escrita da língua.

Assim como no restante da América, além da conversão ao cristianismo, a postura das igrejas e dos governos frequentemente era incentivar/obrigar o uso das línguas europeias, consideradas pela lógica racionalista e positivista da época sinônimo de superioridade. Dessa forma, para sobreviver à condição a que estavam submetidas, muitas famílias deixaram de ensinar a seus filhos suas tradições e línguas ancestrais. Houve então um movimento de negação de identidade que culminou na extinção de diversas línguas. A língua lakota, apesar

⁶ O mesmo problema de interpretação do Lakota e Dakota como línguas independentes ou dialetos de uma mesma língua ocorre com as línguas Osage, Ponca, Kanza, Omaha e Quapaw. Estas, quando são consideradas uma unidade, são chamadas de Dhegiha.

de ter sofrido diversos atos de repressão, é uma das línguas nativas mais bem documentadas até o momento. Diversos documentos sobreviveram ao tempo e, por ser um dos povos mais fortes politicamente e por terem resistido por tanto tempo, atraíram o interesse de diversos antropólogos. Além dos materiais divulgados pelos missionários, há diversos documentos escritos por nativos, como o jornal *Dakota Tawaxikitu kin*, com notícias em lakota e em dakota, e cartas pessoais. A obra *The Dakota Prisoner of War Letters* (2013), reúne cinquenta destas cartas escritas no século XIX, com a transcrição do texto original em dakota e a tradução para inglês, oferecendo a possibilidade de conhecermos diversos aspectos da vida na prisão, a história e a opinião de muitos dakotas presos durante as guerras.

Uma outra característica da história da escrita na língua lakota foi a variedade de alfabetos empregados nos documentos. Os principais sistemas foram os empregados por Williamson (século XIX), Riggs (século XIX), Buechel (século XIX), Boas (século XX) e Taylor (século XX). Um sistema não se extinguiu com o surgimento de outro, mas coexistiram e foram produtivos por diferentes períodos de tempo. Ainda hoje há pessoas que escrevem usando alguma variedade dos modelos citados e não houve até o momento uma atualização da ortografia das obras históricas. Este fato dificulta bastante o acesso dos estudiosos e dos demais interessados, principalmente os próprios lakotas, já que algumas das escritas contêm diacríticos incomuns e necessita de prática para acostumar-se a tantas variações. A ortografia empregada neste trabalho é a desenvolvida por Rood e Taylor, da Universidade de Colorado, e atualmente a mais difundida entre os lakotas. É usada nas principais obras de referência, como o *New Lakota Dictionary* (ULRICH, 2011), e nos livros didáticos mais recentes.

1.3 A tradição oral

Até meados do século XIX, a cultura lakota era baseada quase que exclusivamente na tradição oral. A oralidade desempenha funções no desenvolvimento da comunidade ágrafa que não podem ser ignoradas. Como os

lakotas eram tradicionalmente nômades e não produziam ou acumulavam muitos documentos⁷, a maior parte do conhecimento histórico, ritualístico e científico, bem como seus valores morais e seu imaginário coletivo, era transmitido através das narrativas e da vida prática.

Uma vez que na tradição oral não costuma haver autoria sobre as narrativas, os lakotas contavam as histórias sempre mantendo a consciência de que foi ouvida de outra pessoa através de morfemas evidenciais como *škhé* e *kéye*, traduzidos como “dizem” e que indicam a antiguidade da narrativa.

Um dos aspectos mais importantes da tradição oral é a singularidade de cada performance. Ainda que o narrador contasse a mesma história inúmeras vezes, sua habilidade e desenvoltura, sua memória em relação aos detalhes, sua própria contribuição pessoal para o enredo dentre outros fatores atribuem à narrativa uma capacidade imensa de transformação. Embora sempre houvesse o objetivo de se preservar o sentido geral e os detalhes mais importantes, principalmente nas narrativas míticas e nas cerimônias religiosas, surgiram inúmeras variantes, mais ou menos conhecidas de acordo com sua popularidade e preservação.

A manutenção do conhecimento e a troca de experiências dependia da interação entre as pessoas da comunidade e entre as diversas comunidades. Franz Boas (1938), ao comentar sobre o fluxo de ideias e de tecnologias, diz:

Ideias e invenções passavam de um povo a outro; e, embora a comunicação recíproca fosse lenta, cada povo que participou no desenvolvimento antigo trouxe sua contribuição para o progresso geral. Inúmeras provas encontradas demonstram que as ideias se difundiam cada vez que um povo entrava em contato com outro. Nem raça, nem idioma limitam sua propagação. A hostilidade e um tímido isolamento em relação aos vizinhos não conseguem impedir o fluxo das ideias de uma tribo a outra e elas se infiltram em territórios que ficam a milhares de milhas de distância.

⁷ Os povos das planícies documentavam alguns acontecimentos marcantes como a morte de um líder famoso ou algum fenômeno natural incomum em peças de couro de búfalo, chamados “winter count” (*waníyetu iyáwapi*). Uma vez que os anos não eram numerados, esta documentação servia como referência e era herdado pelas gerações seguintes a fim de preservar a memória histórica.

Um claro exemplo desse fluxo de ideias e da riqueza de variantes na tradição é a história “Iktómi e os faisões”, coletada por Deloria (1932). Nesta narrativa, a personagem mítica Iktómi encontra um grupo de faisões e arma uma armadilha para matá-los e comê-los: convida-os para uma dança em que todos precisam fechar os olhos e, enquanto os faisões inocentemente se divertem, iktómi seleciona aqueles que tinham o peito com mais carne e os mata. Quando uma das aves estranha o evento e descobre a matança, grita e foge com as que sobreviveram. Iktómi recolhe então os corpos e os prepara para comer. As árvores, que assistiam o acontecimento, tramam um castigo para iktómi e o aprisionam enquanto tempos depois surgem lobos e raposas e comem sua comida já pronta.

Uma narrativa semelhante é compartilhada também pelos assiniboine, mas com algumas algumas alterações no enredo: em vez de faisões, os pássaros mortos por Iktómi⁸ são patos. Outra alteração é a inexistência da ação das árvores no enredo. Nesta versão, o *trickster* dorme e tem seus alimentos consumidos por lobos, coiotes e raposas.

Uma terceira variação está presente na obra *Comanche*⁹ *Texts* (CANONGE, 1958): nela a personagem principal não é Iktómi, mas um coiote que, ao chegar em um grupo de cães da pradaria que dançavam, convida-se para cantar desde que todos vendassem os olhos. Então, com um pedaço de pau, mata o máximo de vítimas que consegue. Nesta variante, não há consequência para a ação do coiote e este assa e come todos os animais que matou. A passagem de Iktómi para um coiote não é coincidência. O coiote representa para muitos povos da América do Norte, o animal que prega peças nos outros, embora frequentemente falhe na tarefa ou acabe se colocando em situação humilhante. A própria personagem Iktómi, que desempenha o mesmo papel em suas narrativas, também aparece por vezes encarnada em um coiote.

⁸ Os assiniboine mantiveram a personagem Iktómi em seu imaginário coletivo apesar do distanciamento do grupo de origem e sua rivalidade.

⁹ Os comanches, também conhecidos como *Shoshoni*, são uma etnia que viviam na região de Colorado e New Mexico. Eram inimigos dos lakotas.

A tradição oral e as narrativas são também muito importantes para a manutenção da língua. Diversas coletâneas foram feitas ao longo dos dois últimos séculos, sendo a maior delas a de Ella Deloria, filha de yanktons (um dos subgrupos dos Dakotas) mestiços. Sua publicação mais conhecida é *Dakota Texts* (1932), que, apesar do nome, reúne 63 narrativas em lakota e uma em Dakota. Escreveu ainda junto com Boas uma gramática da língua Dakota. Por serem os dois trabalhos mais meticulosos e completos da época, são ainda hoje duas referências indispensáveis nos estudos linguísticos. Apesar da antiguidade dos textos (foram coletados entre 1928 e 1931), trata-se de uma das maiores fontes de vocabulário e de estruturas. A obra *New Lakota Dictionary* (ULRICH, 2011), o dicionário da língua lakota mais completo feito até hoje, retirou grande parte de suas entradas e sentenças de exemplo da obra de Deloria, preocupando-se, no entanto, em separar as palavras ainda usadas dos termos arcaicos.

Deloria (1932) mostra ainda a classificação tradicional que os lakotas faziam de suas narrativas. O primeiro tipo é chamado *Ohúŋkakaŋ* e compreende as narrativas mais antigas que se conhecem além dos mitos de criação. Histórias com as personagens *Iktómi*, *Íya* e *Anúŋg Ité* e outros seres do imaginário coletivo incluem-se neste grupo. O segundo tipo de narrativas é chamado *wóyakapi* e compreendem relatos mais recentes sobre grandes feitos dos lakotas e de outros povos. Em geral são tidos como reais ou ao menos possíveis, apesar de algumas vezes incluírem algum detalhe místico. Este segundo grupo de histórias é específico de cada comunidade e muitas não são conhecidas em outras reservas.

1.4 Estruturas recorrentes nas narrativas orais em lakota

Neste tópico serão apresentadas algumas das estruturas e termos recorrentes no corpus selecionado. Estas estruturas, embora não exclusivas ao gênero textual, constituem ferramentas muito úteis para a narrativa, uma vez que criam nuances e podem contribuir para a performance do narrador, tendo sido encontradas em todas as narrativas consultadas.

A primeira delas é a marca de evidencialidade. São dois os enclíticos utilizados em lakota: *kéyapi/kéye* e *škhé*. Através destes, o narrador salienta que a narrativa não é de sua autoria e que ouviu de terceiros. Segundo Deloria (1932), a forma *kéyapi/kéye* (literalmente “eles dizem”) é preferida entre os *yanktons* (Dakota), pois o enclítico *škhé* é por demais vago e muito útil na divulgação de fofocas. Conforme o que foi observado ao longo das narrativas, os dois enclíticos parecem ser utilizados indistintamente, muitas vezes alternados ou repetidos por longos trechos.

Em relação às conjunções, embora o lakota disponha de diversas possibilidades de escolha, as mais recorrentes foram apenas quatro conjunções coordenativas: *yunǵháŋ*, *čhaŋké* (*čhaŋkhé*), *na* (*na nakúŋ*) e *k'éyaš* (*kǵéš*). Uma vez que as narrativas eram transmitidas oralmente, não eram raros períodos longos que envolvessem mais de uma dessas conjunções ou até mesmo repetições.

Yunǵháŋ é uma conjunção usada para indicar um evento que o narrador considera inesperado para o ouvinte, geralmente introduzindo algum acontecimento importante para o desenvolvimento do enredo. Nesta dissertação foi traduzida como “e então”.

Čhaŋkhé é uma conjunção que indica a consequência de algum estado ou acontecimento. Pode ser traduzida como “e assim” ou “e por isso”.

Na nakúŋ é usada para enumerar qualidades e entidades do mundo da mesma forma como a conjunção “e” do português. Quando usada entre orações, pode indicar uma sequência temporal de eventos.

K'éyas/khéš corresponde à conjunção adversativa “mas” do português. *Khéš* pode ainda indicar que a relação adversativa entre as duas orações é recorrente, sendo traduzida como “mas sempre.”

O trecho abaixo ilustra o uso dos marcadores de evidência e das conjunções apresentadas neste tópico:

(1.1)

Oyáte waŋ thípi **yunǵháŋ** él wikǵóškalaka waŋ wíŋyaŋ
 Povo um acampava **e então** lá jovem uma mulher

wašté čha líla waštékilapi **škhé.** Waúŋšila **na nakún**
 bela que muito amada **dizem.** Gentil **e**

ksápa **čhaŋké** wičháša kiŋ iyúha čhaŋtíheyapi **na**
 inteligente **portanto** homens os todos desejavam **e**

yúzapi kta čhíŋpi **kheš** wičála šni **škhé.**
 casar (FUT) queriam **mas** aceitava não **dizem.**

“Contam que um povo estava acampando e que lá havia uma jovem que era muito bela e amada. Dizem que era gentil e inteligente, por isso todos os rapazes a desejavam e queriam casar com ela, mas ela nunca aceitava.” (DT: 46)

O trecho apresentado é o início do conto “Duas Faces engana a jovem.” Nele, a conjunção *yunǵháŋ* segue a ambientação do enredo (um acampamento) e é usada para introduzir uma das protagonistas. No segundo período estão presentes as outras três conjunções descritas. *Na* enumera as qualidades da personagem (gentil e inteligente) e *čhaŋké* transforma a oração em explicação para a oração seguinte (os homens a desejavam e a cortejavam). Por fim, a conjunção *khéš* introduz uma oração adversativa que apresenta a reação da protagonista ao comportamento dos homens (não aceitava os pedidos de casamento). Nota-se ainda nesta última sentença da narrativa que *khéš* introduz uma reação repetitiva da protagonista.

A língua lakota possui também alguma variedade de artigos definidos e indefinidos, todos eles recorrentes. No entanto, o artigo definido *k’uŋ* merece

uma menção especial neste tópico. Este morfema é empregado para reintroduzir na narrativa algum elemento que já foi citado e que o falante julgou necessário retomar. Deloria (1932) traduz o termo na *glossa* como “the-past,” se referindo tanto à capacidade de definir quanto fato de ter sido citado. Na obra *New Lakshota Dictionary* (2011), consta também a definição “the aforesaid.” Observe o exemplo retirado do desfecho mesma narrativa:

(1.2)

Čhápala **k’uŋ** hé theñílapi na tanjáyŋ yuhápila (...)

Marmota **DEF** esta foi amada e bem mantida (...)

“Esta marmota foi amada e bem cuidada (...)” (DT: 49)

Neste mito que conta como uma jovem moça foi sequestrada por um monstro, mas conseguiu escapar com a ajuda de seu animal de estimação, o narrador diz que a marmota de estimação foi mantida e oficializada como um pequeno morador, um mascote da aldeia. Por ser uma personagem citada apenas em poucos trechos da história, sua reintrodução é feita algumas vezes usando o artigo *k’uŋ*. Com isso, o ouvinte deve entender que não se trata de uma marmota qualquer, e sim aquela que a moça cuidava como animal de estimação.

Capítulo 2 O sistema verbal e os afixos pessoais

2.0 Introdução

O objetivo deste capítulo é introduzir o leitor ao sistema verbal da língua lakota de acordo com suas flexões. Em 2.1 será dada uma breve explanação sobre a constituição do complexo verbal e os tipos de morfema que podem ser incluídos. Em 2.2 apresentaremos a variedade de morfemas, seus alomorfes e o caso particular dos verbos que recebem mais de uma marca com a mesma função.

2.1 O complexo verbal

Nichols (1986) classifica a língua lakota como *head-marking*, ou seja, um tipo de língua em que os verbos recebem uma infinidade de afixos e enclíticos para construir o sentido da oração, acumulando funções que geralmente são expressas nas línguas do tipo *dependent-marking* através de sintagmas separados. Uma das consequências é que uma palavra somente pode ter a função de uma sentença completa com sujeito, verbo, objeto etc.

(2.1)

Mni-má-ya-k'u

Água-1sgU-2sgA-dar

Você me deu água.

(2.2)

Mni-wičha-uŋ-k'u-pi

Água-3plAnimU-1dA-dar-PL

Nós demos água para eles.

O primeiro exemplo é composto pelo núcleo verbal *k'ú* “dar”, que teve o substantivo *mní* “água” incorporado, formando o verbo *mnik'ú* “dar água”¹⁰. Depois, foram incluídos os afixos *ya* “você” (enquanto *actor*, A) e *ma* “eu” (enquanto *undergoer*, U) para indicar quem deu e quem recebeu a água. O exemplo seguinte é formado pelo mesmo núcleo e substantivo incorporado, mas acrescentou-se os morfemas *uŋ* “você e eu” (*actor*), *wičha* “eles” (*undergoer*) e o sufixo *pi*, que neste caso transforma a primeira pessoa do dual em primeira pessoa do plural.

A raiz verbal pode ser modificada por diversos tipos de afixos. Estes servem para indicar pessoa, para aumentar a valência do verbo, para indicar número, direção da ação, instrumento ou para nominalizar os verbos. A tabela na página seguinte¹¹ mostra a posição mais comum para as classes de afixos em relação à raiz e cita alguns deles:

¹⁰ Este exemplo foi escolhido propositalmente para apresentar o máximo de argumentos dentro de um verbo. No entanto, a incorporação nominal não é produtiva em lakota e restam apenas alguns resquícios de sua existência.

¹¹ Adaptada do livro: RANKIN, Robert L. *Kanza Languages for Families and Communities*. Kaw City: Kanza Language Project, 2007

Natureza do morfema	Categoria	Morfemas	Significado
Prefixo	Indefinido	<i>wa-</i>	Serve para tornar o objeto do verbo indefinido. Usado para diminuir a valência do verbo
	1º pessoa do dual inclusivo	<i>Urη(k)-</i>	Significa “você e eu”. Com o acréscimo do sufixo <i>pi</i> , passa a significar “nós”, tanto inclusivo quanto exclusivo. Usado em todas as classes de verbos, inclusive os estáticos.
	Locativo	<i>á-, í-, i-, ó-</i>	Criam novos argumentos para o verbo. Significam respectivamente: “sobre”, “com”, “para” e “dentro de”
	Undergoer	<i>ma-, ni-, čhi-, wičha- etc</i>	Usados para formar a meta, o receptor e o cliente nos verbos transitivos. A terceira pessoa só é marcada no plural de seres animados.
	Actor	<i>wa-, bl-, ya, l- etc</i>	Usado para formar as duas primeiras pessoas nos verbos ativos. Indica agência. A terceira pessoa, como será visto mais adiante, é marcada pela ausência de morfema.

	Prefixos derivativos	<i>ki-</i> , <i>ič'i-</i> , <i>kiči-</i> , <i>kičhi-</i> , <i>gl-</i> etc	São usados para construir verbos dativos, reflexivos, benefactivos, recíprocos e possessivos.
	Instrumental	<i>ka-</i> , <i>na-</i> , <i>pa-</i> , <i>wa-</i> , <i>wo-</i> , <i>ya-</i> , <i>yu-</i>	Indicam o modo como a ação acontece ou o instrumento usado. O morfema <i>na-</i> , por exemplo, indica que a ação foi feita com os pés.
Raiz	Núcleo do verbo	(raiz verbal)	Pode ser um verbo ativo ou estativo
Sufixo	Distributivo	<i>Pi</i>	Forma o plural dos verbos

2.2 A flexão de pessoa e número

A flexão dos verbos em lakota é formada por morfemas ora infixados ora prefixados, dependendo da natureza do verbo (se é formado só por uma raiz, por mais de uma, por uma raiz e outros prefixos, etc). A língua possui no total de sete pessoas: 1sg, 2sg, 3sg (independente do gênero), 1 Dual inclusivo, 1pl¹², 2pl e 3pl. Os morfemas podem indicar no verbo o papel de *actor* (marcado na *glossa* pela sigla A) ou *undergoer* (U). Os verbos transitivos frequentemente usam mais de um morfema pessoal, dada a característica das línguas siouan de marcá-los junto à raiz verbal.

¹² Note na tabela abaixo que a primeira pessoa do plural é formada a partir do dual e não da primeira do singular.

Seguem abaixo a lista dos morfemas possíveis na marcação de pessoa e número dos verbos:

/Ø-/	3sgA ou 3sgU
/wa-/ , /bl-/ e /m-/	1sgA
/ma-/	1sgU
/ya-/ , /l-/ e /n-/	2sgA
/ni-/	2sgU
/čhi/	2sgU+1sgA
/uŋ-/	1dU ou 1dA
/wičha-/	3plAnim
/-pi/	PL

Com exceção do afixo *wičha*, apresentado acima, a terceira pessoa será sempre marcada com o símbolo Ø. No entanto, esta marca não deve ser confundida com o morfema nulo usado em alguns modelos teóricos. Nesta dissertação, Ø deve ser compreendido como a ausência de morfema que caracteriza a terceira pessoa do singular em lakota. A representação desta ausência nos indicará a posição em que determinada raiz normalmente receberia um afixo pessoal, e, portanto, onde está presente o argumento do núcleo verbal. Optou-se ainda por indicar a terceira pessoa do singular na *glossa* com a finalidade de apresentar a quantidade de argumentos que determinado verbo possui. Entretanto, por não considerar a existência de um morfema ocupando aquela posição, a terceira pessoa estará sempre entre parênteses.

A tabela abaixo¹³ apresenta as possíveis combinações de afixos que indicam ator/sujeito (escritos em negrito) e paciente/objeto (sublinhado) em suas respectivas posições em relação à raiz verbal (indicada pelas reticências).

	1sgU	2sgU	3sgU 3plInan U	1dU	1plU	2plU	3plAnim
1sgA		<u>Chi</u>...	Wa-<u>ø</u>... Bl-<u>ø</u>... m-<u>ø</u>...			<u>Chi</u>...pi	<u>Wičha-wa</u> ... <u>Wičha-bl</u> ... <u>Wičha-m</u> ...
2sgA	<u>Ma-ya</u> ... <u>Ma-ya-l</u> ... <u>Ma-ya-n</u> ...		Ya-<u>ø</u>... l-<u>ø</u>... n-<u>ø</u>...		<u>Uŋ-ya</u> ...pi <u>Uŋ-ya-l</u> ...pi <u>Uŋ-ya-n</u> ...pi		<u>Wičha-ya</u> ... <u>Wičha-ya-l</u> ... <u>Wičha-ya-n</u> ...
3sgA	<u>Ma-<u>ø</u>...</u>	<u>Ni-<u>ø</u>...</u>	<u>ø-<u>ø</u>...</u>	<u>Uŋ<u>ø</u>...</u> 14	<u>Uŋ-<u>ø</u>...pi</u>	<u>Ni-<u>ø</u>...pi</u>	<u>Wičha-<u>ø</u>...</u>
1dA			Uŋ-<u>ø</u>...				<u>Wičha-uŋ</u> ...
1plA		Uŋ-<u>ni</u>...pi	Uŋ-<u>ø</u>...pi			Uŋ-<u>ni</u>...pi	<u>Wičha-uŋ</u> ...pi
2plA	<u>Ma-ya</u> ...pi <u>Ma-ya-l</u> ...pi <u>Ma-ya-n</u> ...pi		Ya-<u>ø</u>...pi l-<u>ø</u>...pi n-<u>ø</u>...pi		<u>Uŋ-ya</u> ...pi <u>Uŋ-ya-l</u> ...pi <u>Uŋ-ya-n</u> ...pi		<u>Wičha-ya</u> ...pi <u>Wičha-ya-l</u> ...pi <u>Wičha-ya-n</u> ...pi
3plA	<u>Ma-<u>ø</u>...pi</u>	<u>Ni-<u>ø</u>...pi</u>	<u>ø-<u>ø</u>...pi</u>		<u>Uŋ-<u>ø</u>...pi</u>	<u>Ni-<u>ø</u>...pi</u>	<u>Wičha-<u>ø</u>...pi</u>

Antes de apresentar alguns exemplos de paradigma, é necessário apontar algumas características da língua:

- A) Nota-se na tabela acima que algumas combinações de sujeito e objeto apresentam três alomorfes. Estes são empregados da seguinte maneira: a segunda linha (que apresentam os morfemas *bl-* e *l-*) é usada exclusivamente como flexão dos verbos que começam com os prefixos *ya-* ou *yu-*. A terceira linha (com os morfemas *m-* e *n-*) é usada

¹³ Adaptada de: ULLRICH, Jan F. *New Lakota Dictionary*. Bloomington: Lakota Language Consortium, 2008. Pag. 771.

¹⁴ O dual só é usado nos verbos transitivos quando marca sujeito/ator. Nos demais casos, usa-se o plural com *-pi*. A forma aqui destacada é usada somente com verbos intransitivos.

quando o verbo é iniciado com uma vogal nasal. Os demais casos são marcados com o morfema default, *wa-* e *ya-*.

- B) A terceira pessoa do singular e a terceira do plural inanimado são marcadas pela ausência de morfema no verbo. Para formar o plural, basta acrescentar o sufixo *-pi* à raiz verbal. Quando o objeto na terceira é plural e animado, utiliza-se o prefixo *Wičha-*. A ausência do morfema de terceira pessoa será indicada pelo sinal de vazio, mas sua interpretação constará entre parênteses na *glossa*.
- C) A língua lakota apresenta intransitividade cindida, ou seja, alguns verbos intransitivos (como *ištínme*, “dormir”) marcam o argumento com os prefixos de *undergoer* e outros (como *lowán*, “cantar”), o fazem com os prefixos para *actor*. Na tabela acima, a linha cinza representa os verbos intransitivos do primeiro tipo e a coluna cinza, os do segundo.
- D) A estrutura verbal não admite a repetição do morfema de plural *pi-*. Uma das consequências é que este pode se referir tanto ao sujeito no plural quanto ao objeto, criando formas ambíguas que podem ser compreendidas apenas dentro de um contexto.

Os exemplos abaixo ilustram algumas possibilidades de flexão da raiz *hí* “vir”, *k’u* “dar” e *t’a* “morrer”, usando os itens de vocabulário apresentados:

(2.3)

Ø-hí	(3sgA)-vir	ele vem
Ya-hí	2sgA-vir	você vem
Wa-hí	1sgA-vir	eu venho
Ma-ya-k’u	1sgU-2sgA-dar	você me dá
Ya-k’ú-pi	(3sgU)-2sgA-dar-PL	Vocês dão (isso)
T’á-pi	(3sgU)-morrer-PL	eles morrem.

No caso de verbos em que o afixo pessoal é infixado, optou-se por indicar a tradução apenas na última parte da raiz. Todas as outras serão indicadas com a notação STEM. O verbo *naǰ'úŋ* “ouvir” abaixo nos serve de exemplo:

(2.4)¹⁵

Na-Ø-ǰ'úŋ	STEM-(3sgA)-ouvir	ele ouve
Na-yá-ǰ'uŋ-pi	STEM-2sgA-ouvir-PL	vocês ouvem
Na-wá-ǰ'uŋ	STEM-1sgA-ouvir	eu ouço

2.3 Conjugação dupla

Uma característica marcante das línguas siouan, presente em pequena escala nas línguas dakota, lakota, assiniboine, mas bastante produtiva nas línguas kanza, osage, ponka e omaha, é a marcação de pessoa com mais de um morfema. Os verbos abaixo exemplificam marcação repetida em lakota:

(2.5)

Ø-Ø-yu-wášte	(3sgU)-(3sgA)-INST-bom	ele corrige isto
Ø-bl-u-wášte	(3sgU)-1sgA-INST-bom	eu corrijo isto
Ø-l-u-wášte	(3sgU)-2sgA-INST-bom	você corrige isto
ma-yá-l-u-wášte	1sgU-2sgA-2sgA-INST-bom	você me corrige
ma-yá-l-u-wášta-pi	1sgU-2sgA-2sgA-INST-bom-PL	vocês me corrigem
uŋ-yá-l-u-wášta-pi	1dU-2sgA-2sgA-INST-bom-PL	você nos corrige/ vocês nos corrigem

¹⁵ O paradigma dos verbos será sempre apresentado na ordem: terceira pessoa (singular e plural), segunda pessoa (singular e plural), primeira pessoa (dual e plural) e primeira pessoa (singular). A cisão na primeira pessoa ocorre, pois o dual e o plural possuem um prefixo próprio.

Sendo o verbo acima formado a partir da raiz *wašté* “ser bom” com o prefixo instrumental *yu-* “fazer algo utilizando as mãos”, os morfemas pessoais acoplados aos verbos são *bl-* para a primeira pessoa e *l-* para a segunda, como foi descrito anteriormente e pode ser visto nos três primeiros casos acima.

No entanto, ao acrescentarmos os morfema de objeto *ma-*, *uŋ-*, *wičha-*, o verbo ganha mais uma marca de segunda pessoa logo antes da marca anterior, embora utilize um dos alomorfes e não a reduplicação desta.

É importante notar também que esta marcação dupla está restrita à segunda pessoa do singular e do plural, não aparecendo com as demais combinações de morfemas nesse contexto.

A marcação múltipla de pessoa pode acontecer ainda em mais alguns verbos:

(2.6)

Ø-íŋ-Ø-yaŋke	(3sgA)-STEM-(3sgA)-correr	ele corre
ya-íŋ-n-aŋke	2sgA-STEM-2sgA-correr	você corre
wa-íŋ-mn ¹⁶ -aŋke	1sgA-STEM-1sgA-correr	eu corro

(2.7)

Ø-hi-Ø-yá-Ø-ye	(3ssgA)-STEM-(3sgA)-STEM-(3sgA)-passar	Ele passa
Ya-hí-l-a-l-e	2sgA-STEM-2sgA-STEM-2sgA-passar	Você passa
Wa-hí-bl-a-bl-e	1sgA-STEM-1sgA-STEM-1sgA-passar	Eu passo

¹⁶ *Mn-* é um alomorfe para *bl-*, quando este é seguido diretamente por uma vogal nasal.

Tratam-se de verbos intransitivos simples que, embora tenham apenas um argumento, recebem morfemas pessoais em dois ou mais lugares diferentes.

Este fenômeno é raro na língua lakota e ocorre apenas nos dois casos descritos acima. As línguas do grupo dhegiha¹⁷, também pertencentes à família *siouan*, apresentam marcação múltipla de uma mesma pessoa nos verbos de maneira muito semelhante ao caso apresentado em (5) e muito mais frequente¹⁸. Apresentamos abaixo apenas uma amostra a fim de comparação:

(2.8)

Ø-Ø-Gónya	(3sgU)-(3sgA)-querer	ele quer isso
Ø-shk-ón-hn-a	(3sgU)-2sgA-STEM-2sgA-querer	você quer isso
Ø-shk-ón-hn-a-be	(3sgU)-2sgA-STEM-2sgA-querer-PL	vocês querem isso
Ø-an-gónya	(3sgU)-1dA-querer	Nós dois queremos dois
Ø-k-ón-bl-a	(3sgU)-1sgA-STEM-1sgA-querer	eu quero isso

¹⁷ Incluem as variantes ponka, omaha, kanza, osage, quapaw. Embora sejam inteligíveis entre si e compartilhem a maior parte dos recursos, são consideradas línguas distintas pelos falantes, que pertencem a etnias diferentes.

¹⁸ Um verbo composto como “correr para pegar algo” pode ter até 3 morfemas pessoais marcados. No exemplo abaixo, uma flexão pertence à raiz “pegar” e duas pertencem à raiz “correr”:

Ø-Águ-tonyin	(3sgU)-(3sgA)-pegar-correr	Ele corre e pega (isso)
Ø-a-p-ú-a-tan-bl-in	(3sgU)-STEM-1sgA-pegar-1sgA-STEM-1sgA-correr	eu corro e pego
Ø-a-shk-u-ya-ton-hni-n	(3sgU)-STEM-2sgA-pegar-2sgA-STEM-2sgA-correr	você pega e corre

(2.9)

Ø-tón-Ø-yin	(3sgA)-STEM-(3sgA)-correr	ele corre
ya-tón-hn-in	2sgA-STEM-2sgA-correr	você corre
an-tónyin-be	1dA-correr-PL	Nós corremos
a-tón-bl-in	1sgA-STEM-1sgA-correr	eu corro

(2.10)

Ø-Ø-dónbe	(3sgU)-(3sgA)-ver	ele vê isso
Ø-ya-sht-ónbe	(3sgU)-2sgA-2sgA-ver	você vê
Ø-an-dónbe	(3sgU)-1dA-ver	Nós dois vemos
Ø-an-dónba-be	(3sgU)-1dA-ver-PL	Nós vemos
Ø-a-t-ónbe	(3sgU)-1sgA-1sgA-ver	eu vejo

Nos exemplos acima, diversos alomorfes são usados simultaneamente para marcar a mesma pessoa. Eles podem ser prefixados e infixados (exemplos 7 e 8) ou duplamente prefixados (exemplo 9). Quando os morfemas são apenas prefixados, o mais próximo da raiz está sujeito às alterações fonológicas e irregularidades pertinentes ao contato direto com a raiz enquanto o outro, mais distante, é a forma utilizada nos verbos regulares.

É importante notar ainda, a semelhança entre as formas apresentadas em (5) e em (8), que correspondem parcialmente à ideia de “correr”: ambas recebem os morfemas *bl-* e *l-* como infixo, uma vez que a segunda parte da raiz começa com /y/, e os morfemas *wa-* (*a-* em kanza) e *ya-* no início da palavra.

Capítulo 3 Os pronomes independentes

3.0 Introdução

Neste capítulo serão apresentadas as principais características dos pronomes independentes, bem como sua estrutura sintática. Para isso, serão introduzidas em 3.1 as ferramentas necessárias para a análise segundo a Gramática de papel e referência. Em seguida, investigaremos os pronomes em dois grandes grupos: *iyé* e *íŋš*. Para uma melhor apreensão da morfologia e dos usos, serão apresentados também verbos, interrogativos e substantivos que compartilham características semelhantes. O objetivo deste capítulo é demonstrar que os termos que tem sido classificados como “pronomes” apresentam mais traços verbais que nominais.

3.1 A estrutura da sentença segundo a Gramática de Papel e Referência

A Gramática de Papel e Referência (VAN VALIN, 1997) busca desenvolver um modelo de análise para a teoria da Gramática Universal, respeitando o princípio da adequação tipológica. Este modelo compreende como estruturas universais da língua os seguintes contrastes:

1. O contraste entre elementos predicativos e não predicativos, ou seja, o núcleo da sentença e seus argumentos.
2. O contraste entre argumentos de um núcleo e demais adjuntos, como advérbios de tempo ou locativos.

A junção de um núcleo (NUC) com seus argumentos (ARG) formam uma unidade chamada CORE e a junção desta com os adjuntos (PERIPHERY), por sua vez, formam uma unidade chamada CLAUSE. Esta unidade pode

corresponder à sentença inteira ou pode ser parte de uma outra sentença, criando uma oração subordinada, por exemplo. As duas distinções acima formam assim o que a teoria chama de *Layered Structure of the Clause*.

Em uma língua do tipo *dependent-marking*, como o português, em que os argumentos do verbo são sintagmas individuais, a representação sintática de uma oração como “Joesley entregou a gravação” seria a seguinte:

No caso das línguas do tipo *head-marking*, o modelo interpreta os morfemas pessoais afixados aos verbos como seus argumentos propriamente ditos. Uma vez que a terceira pessoa do singular e do plural inanimado não possui um morfema individual específico, é a ausência de marcas que permite sua interpretação correta¹⁹. Assim, os verbos *wicháwakte* “eu os matei” e *wakté* “eu o matei” e *kté* “ele o matou” são classificados da seguinte maneira:

¹⁹ A Gramática de Papel e Referência não reconhece morfemas nulos nem estruturas subjacentes, apenas os morfemas que estão expressos oralmente na oração. A interpretação fica, então, dependente de outros fatores, como o contexto.

(3.1) *wičhá-wa-kté*

ARG-ARG-NUC

3plAnimU-1sgA-matar

(3.2) *Ø-wa-kté*

ARG-ARG-NUC

(3sgU)-1sgA-matar

(3.3) *Ø-Ø-kté*

ARG-ARG-NUC

(3sgU)-(3sgA)-matar

Os verbos acima constituem por si só exemplos de orações completas. A raiz verbal *kté*, verbo transitivo, junta-se aos prefixos *wa* (1sgA) e *wičha* (3plAnimU) em 3.1 e 3.2 e a ausência de morfemas, indicada pelo sinal *Ø*, nos faz interpretar ator da ação ou o paciente como terceira do singular.²⁰ Uma característica importante da terceira pessoa na língua lakota é que, caso não haja especificação, o argumento será sempre interpretado como sendo definido. Assim, não é possível interpretar a sentença 3.3 como “ele matou um” ou “uma pessoa o matou”.

A representação sintática de uma oração como (3.1) é exemplificada abaixo. Observe que, com exceção da ordem em que os argumentos e o núcleo aparecem, não há diferença na representação entre a sentença do português e a do lakota. Isso é possível, pois o que está sendo marcado em ambas são as estruturas universais, ou seja, o contraste entre o núcleo (NUC) e seus argumentos (ARG). O que diferencia ambas as sentenças é a maneira como estes elementos são produzidos.

²⁰ O paciente nos exemplos 3.2 e 3.3 não pode ser interpretado como plural, já que matar se refere a seres animados e existe um morfema específico para a terceira pessoa do plural animado (exemplo 3.1).

Apesar dos argumentos serem morfemas dentro do núcleo verbal, eles podem ser expandidos e especificados através de sintagmas relacionados ao verbos. Este sintagma não é considerado um argumento propriamente dito, mas uma referência a esse argumento e é sempre interpretado dentro do complexo verbal por um dos sinais (marcados ou não) descritos anteriormente. O termo que designa essa construção é *Reference Phrase (RP)* ou sintagma de referência. As sentenças abaixo especificam o conteúdo dos argumentos através de seus *RP*:

- (3.4) igmú kin hená wičhá-wa-kte.
 RP ARG-ARG-NUC
 Gato DEF esses 3plAnimU-1sgA-matar
 Eu matei esses gatos.

- (3.5) igmú kin Ø-wa-kté
 RP ARG-ARG-NUC
 Gato DEF (3sgU)-1sgA-matar
 Eu matei o gato.

(3.6)	hokšila	kin	igmú	kin	Ø-Ø-kté.
	RP		RP		ARG-ARG-NUC
	Menino	DEF	gato	DEF	(3sgU)-(3sgA)-matar
	O menino matou o gato.				

Os *RP*s nos exemplos 3.4 e 3.5 só podem ser interpretados como pacientes do verbo matar pelo fato de haver a marca de primeira pessoa *wa* afixadas ao verbo. Em 3.6 o agente e o paciente são definidos pela ordem dos *RP*: a ordem sintática mais comum entre os *RP* é Agente (A), Paciente (U) e Núcleo Verbal (NUC). Assim, no exemplo dado, não há possibilidade de interpretar que foi o gato que matou o menino.

Segundo Van Valin (2010b), as principais características do *RP* são:

1. O *RP* não é associado a nenhuma função pragmática específica. Pode desempenhar tanto a função de tópico quando de foco em uma oração.
2. Pode ocorrer mais de uma vez por sentença, diferente de outros sintagmas como o *Precore Slot*²¹ (PrCS) e o *Left Detached Position*²² (LDP).

²¹ *PreCore Slot* é o nome dado ao sintagma que antecede o CORE, ou seja, o núcleo e seus argumentos. É considerado uma das estruturas não universais, mas está presente em línguas como o alemão quando um interrogativo inicia uma oração. Geralmente não possui pausa ou quebra na entonação. Ex:

Was	ha-st	du	ge-mach-t?
o que	aux	tu	PERF-fazer-PERF
PrCS		ARG	NUC
"O que você fez?"			

²² Left Detached Position (LDP) é o nome dado ao sintagma que pode ser introduzido antes do CLAUSE, geralmente por uma pausa. O exemplo abaixo (Van Valin, 1998) mostra a ocorrência deste sintagma e do PrCS:

Yesterday,	what	did	Robin	show	to Pat	in the library?
Ontem	o que	aux	Robin	mostrar	para Pat	LOC-ART-biblioteca
LDP	PrCS		ARG	NUC	ARG	PERIPHERY
“Ontem, o que Robin mostrou para Pat na biblioteca?”						

3. Diferente de sintagmas como o LDP, o *RP* não possui uma posição específica, ocorrendo em várias posições dependendo da língua.
4. Por não possuir uma função pragmática-discursiva específica, pode ocorrer também em orações subordinadas e relativas.
5. Contém em si apenas argumentos do núcleo, sendo sempre referenciados por algum morfema (ou ausência dele) afixado ao núcleo.
6. Aparece apenas em línguas do tipo *head-marking*.

Em relação à sua posição dentro da sentença, o *RP* está localizado fora do CORE, uma vez que ele não é o argumento verdadeiro do núcleo, mas dentro do CLAUSE. A representação sintática da oração (3.6) é:

Outros tipos de constituintes como locativos, advérbios de tempo e de modo, apesar de encontrarem-se dentro da oração, não são considerados argumentos do núcleo verbal e encontram-se na posição chamada *Periphery* (PER). A sentença abaixo apresenta todos os constituintes introduzidos até o momento:

- (3.7) Hínhaŋna eyápaha kin oyáte kin wičhá-Ø-yañičhe
 PER RP RP ARG-ARG-NUC
 Manhã mensageiro DEF povo DEF 3plAnimU-(3sgA)-acordar
 “De manhã, o mensageiro acordou as pessoas.”

A representação sintática de 3.7 é a seguinte:

Observe que o sintagma intitulado PERIPHERY, assim como o *RP*, se encontra dentro do CLAUSE, mas está relacionado com o CORE. Esta representação indica o contraste entre os argumentos do verbo que compõe o CORE e os adjuntos.

Van Valin (2010b) questiona a inclusão dos morfemas pessoais afixados ao verbo no grupo dos pronomes pessoais. Um dos principais argumentos apresentados é o fato de a terceira pessoa poder se referir também a um *RP* indefinido, como mostra o exemplo abaixo:

- (3.8) *igmú eyá* *wičhá-wa-kte-pi*.
 Gato IND 3plAnimU-1sgA-matar-PL

Eu matei alguns gatos.

Em X, *igmú eyá* é o *RP* marcado no verbo pelo morfema *wičha*. A contradição na classificação de *wičha* como um pronome pessoal reside no fato deste possuir sempre um sentido definido da mesma forma que o pronome “elas” do português não poderia substituir “*algumas meninas*” na sentença “*Eu vi algumas meninas*” sem alterar o significado geral da oração.

Além dos morfemas pessoais afixados ao verbo, a língua lakota possui outras formas de marcar pessoa dentro de uma oração: são os chamados “pronomes independentes” e “pronomes interrogativos”. Estes podem aparecer tanto no *RP*, sozinhos ou com outros morfemas, como no núcleo verbal. Uma vez que jamais são usados no lugar de um argumento verbal propriamente dito, diferentemente das línguas do tipo *dependent-marking*, é necessário investigar seu comportamento morfossintático com mais atenção. Como será visto ao longo do capítulo, estes grupos “pronominais” e até mesmo alguns substantivos apresentam características de verbos e, por esta razão, optamos por omitir das representações sintáticas a indicação da classe gramatical. Esperamos que, com isso, o leitor procure observar seu comportamento sem classificá-lo previamente.

Um outro recurso que aparecerá por vezes nas árvores é conhecido como *operator* (operador). Trata-se de elementos importantes na construção da sentença, mas que não são predicados ou argumentos e modificam a sentença inteira ou parte delas. Estas partes serão indicadas sempre abaixo da sentença e variam de acordo com a natureza do morfema modificador. Por exemplo, enquanto as marcas de aspecto (ASP) modificarão o *core*, operadores de tempo (TNS) e evidencialidade (EVID) modificarão sempre o *clause*.

Em lakota, esses elementos podem aparecer na forma de sufixos ou partículas independentes. Apresento abaixo uma lista de alguns dos operadores recorrentes nas narrativas e nos exemplos utilizados nesta dissertação. Indicarei para cada item um dos usos e, entre parênteses, a notação equivalente nas representações sintáticas enquanto *operator*.

Kiŋ	artigo definido	(DEF)
K'uŋ	artigo definido com referência ao passado	(DEF)
Čha	artigo definido, foco	(DEF)
Waŋ	artigo indefinido	(DEF)
Hé	demonstrativo singular	(DEIC)
Hená	demonstrativo plural	(DEIC)
Haŋ/hiŋ	sufixo que indica ação contínua	(ASP)
Kte	futuro	(TNS)
K'uŋ	passado	(TNS)
Šni	negação	(NEG)
Škhé, kéye	fonte da informação	(EVID)
Ye/yo	imperativo	(IF)
Yeló, weló, ló	asserção, usado por homens	(IF)
He, hwó	interrogação	(IF)

Entende-se por *IF* (*illocutionary force*) uma partícula ou forma expressa na língua que tem como função indicar se a sentença é uma asserção, uma pergunta, uma ordem etc.

3.2 Os pronomes independentes

Embora não haja nenhum estudo exclusivo sobre os pronomes independentes até o presente momento, suas formas são citadas em outras pesquisas como Van Valin (1977) e Cumberland (2005), geralmente baseadas na interpretação dada por Boas & Deloria (1941).

Na obra *Dakota Grammar* (B&D, 1941) apresenta-se três paradigmas de pronomes independentes: *iyé*, *iyéš* e *íηš*. A estrutura morfológica dessas palavras é dada e a raiz *e* ou *i* é classificada como “demonstrativo indefinido”. Quando núcleo verbal, mantém-se a classificação e nenhuma das formas é vista enquanto verbo.

Em uma curta introdução ao assunto, Van Valin (1977) apresenta os mesmos paradigmas, mas aponta a possibilidade do termo “demonstrativo indefinido” não ser o mais apropriado para descrever a raiz *e*. Cita ainda o uso do paradigma *iyé* como núcleo da oração sem classificá-lo como verbo propriamente dito.

Cumberland (2005), em seu estudo sobre a língua assiniboine, lista apenas dois paradigmas: *íηš* e *iyé*, assim como a ocorrência destes e dos pronomes interrogativos no núcleo verbal, classificando-os neste caso como verbo estativo. No entanto, não explora as possibilidades de morfemas que podem ser aplicados à raiz dos pronomes pessoais e interrogativos.

Outro trabalho que tem sido amplamente usado como obra de referência é o *New Lakota Dictionary* (2011). Embora seu objetivo não seja especificamente a discussão teórica, é a referência mais completa já produzida até o momento no que diz respeito à variedade no uso dos pronomes. A entrada dos termos em questão reconhece o uso pronominal (como *RP*) e o uso verbal (geralmente verbo estativo), assim como sua estrutura morfológica e seus paradigmas de flexão. O termo pronome não é questionado nem nos morfemas ligados ao verbo, estudados no capítulo anterior, nem em seu uso independente.

Para testar a validade e as limitações de sua classificação bem como possíveis alternativas de interpretação, buscamos descrever o uso dos

pronomes no máximo de estruturas possíveis, seja no núcleo verbal ou no *RP*, além de sua interação com outros morfemas, geralmente sufixados. Buscou-se principalmente levantar as evidências que permitem interpretar esses pronomes como formas verbais, tendo em mente o critério da adequação tipológica, para não atribuir aos morfemas estudados classificações que não encontrem correspondências em sua morfologia. Assim, a variação em pessoas verbais, formas negativas e estruturas subordinadas será exaustivamente apontada. A interpretação dos exemplos de acordo com a narrativa de que foi tirado também será também descrita sempre que necessário a fim de explicitar seu uso em contextos reais.

Os pronomes serão divididos e apresentados em três grupos: (1) *iyé* e seus derivados, incluindo *iyéš*, que é apresentado por Boas como um conjunto de pronomes à parte; (2) *íηš* e seus derivados e (3) *míš miyé*, que é uma junção dos itens (1) e (2).

3.3 *Iyé*

A raiz *iyé* é usada para introduzir ou identificar entidades animadas ou não. Pode ser entendida como “ser algo específico, definido” e nunca assume a função de incluir o termo a que se refere em determinada categoria de seres. Por exemplo, pode-se usar *iyé* para responder à pergunta “quem é ele?”, que visa a identificação de uma pessoa, mas não é usada em contextos como “ele é um estudante/homem/inimigo?”, pois neste caso o que se busca é classificar esta pessoa específica em um grupo maior, junto com outras em situação semelhante. Sua flexão segue o mesmo paradigma dos verbos estativos iniciados pela vogal /i/²³:

²³ Na terceira pessoa, quando precedida por um *RP* de qualquer tipo, usa-se a forma *é* para o singular e *épi* para o plural.

(3.9)

Ø-iyé/Ø-é	(3sgU)-ser	ele é
Ø-iyé-pi/Ø-é-pi	(3U)-ser-PL	eles são
n-iyé	2U-ser	você é
n-iyé-pi	2U-ser-PL	vocês são
uŋk-iyé	1dU-ser	nós dois somos
uŋk-iyé-pi	1dU-ser-PL	nós somos
m-iyé	1sgU-ser	eu sou

As sentenças de 3.10 a 3.13 a seguir exemplificam o verbo *iyé* na posição de núcleo do predicado. Note que em todas elas o termo que está sendo identificado é marcado por um *RP* definido, seja ele um nome próprio (3.10), um artigo definido (3.11 e 3.12) ou um demonstrativo (3.12). Além disso, ao tratar a raiz *iyé* como um verbo, subentende-se que um ou mais *RP* correspondentes podem ser omitidos, caso não haja necessidade de explicitá-los (sentença 3.12).

(3.10)

Iktó he Ø-é yeló! (DT:44)

Iktó esse (3sgU)-(3sgU)-ser ENCL

“Esse é o Iktómi!”

(3.11)

Hé Anúṅg Ité é-Ø-Ø-ya-pi kiṅ Ø-é yeló.
 Esse Dupla Face STEM-(3sgU)-(3sgA)chamar-PL DEF (3sgU)-ser ENCL
 “Este é aquele que chamam de Duas Faces.” (DT:102)

(3.12)

Táku wanžíla kħo-wá-kipħe čin hé unčí tħanázunspe k'un
 O que único STEM-1SG-medo DEF esse avó POS-machado DEF

Hé Ø-é yeló. (DT:103)

Esse (3sgU)-ser ENCL.

“A única coisa que temo é o machado de minha avó.”

(3.13)

Ho, eyá tokhétuke éyaš, hé Ø-é yeló!
 INTERJ qualquer algo mas, esse (3sgU)-ser ENCL

“Olhe, sem dúvida é ela!” (DT: 211)

Assim como os demais verbos, *iyé* pode assumir forma negativa com o enclítico *šni* (Exemplo 3.14) e também se tornar complemento de verbos como *slolyá* “saber” (exemplo 3.15). Neste último caso, usa-se o artigo definido *kiŋ* para marcar o sintagma.

(3.14)

Čhaŋké Ø-yiŋ na waná wičhóthi waŋ él Ø-ihúŋni
Então (3sgA)-ir e agora acampamento ART LOC (3sgA)-
chegar

k'éyaš hé Ø-é šni čhaŋké héčhena Ø-yiŋ na (...)
mas este (3sgU)-ser NEG então assim (3sgA)-ir e
“Por isso foi e então chegou a um acampamento, mas não era este (o certo) e
continuou a seguir (...)” (DT: 139)

(3.15)

Kħoškálaka wan wašté-Ø-Ø-lake č'un ehánk'un hé lé
 Homem jovem IND S-(3sgU)-(3sgA)-gostar DEF claramente esse este

Ø-é šni kiŋ nakéš hehánl slol-Ø-Ø-yín (...)
 (3sgU)-ser NEG DEF finalmente depois STEM-(3sgU)-(3sgA)-saber

“E então (ela) finalmente soube que este não era o homem que ela gostava.”
 (DT: 47)

A língua lakota dispõe ainda de uma outra raiz verbal, que também pode ser parcialmente traduzida como o verbo *ser* do português. Sua flexão é regular e apresenta a seguinte forma:

(3.16)

Hé-Ø-čha	STEM-(3sgU)-ser	ele é
Hé-Ø-čha-pi	STEM(3U)-ser-PL	eles são
He-ní-čha	STEM-2U-ser	você é
He-ní-čha-pi	STEM-2U-ser-PL	Vocês são
He-ún-čha	STEM-1dU-ser	Nós dois somos
He-ún-čha-pi	STEM-1dU-ser-PL	Nós somos
He-má-čha	STEM-1sg-ser	eu sou

Seu uso, no entanto, difere-se de *iyé* em um aspecto importante: é usado para incluir a entidade a qual se refere dentro de um grupo. Retomando o exemplo dado no início deste tópico, pode responder à pergunta “ele é um estudante/ homem/ inimigo?”. A ausência de *RP* na sentença também é possível e ocorre quando já se sabe qual grupo pode ser usado na classificação.

(3.17)

Lé šunġmáritu Ø-héčha.

Isto coioite (3sg)-ser

“Isto é um coioite.”

(3.18)

Ø-héčha.

(3sg)-ser

“É um deles.” (É um representante de determinado grupo)

A sentença 3.17 seria uma possível resposta para a pergunta *Hé táku hwo?* “o que é isso?”. Ao respondermos assim, estamos dizendo que o objeto de interesse pertence ao grupo dos coiotes, classificando-o, mas não o identificamos como uma entidade única no mundo. Supondo que este coiote em particular seja conhecido pelo nome *Iktómi*, a resposta apropriada seria a sentença 3.10.

3.3.1 *Iyé* como argumento de um verbo (uso pronominal)

O que tratamos aqui por ora de uso pronominal de *iyé* é sua ocorrência não enquanto núcleo do predicado, exemplificado no tópico anterior, mas dentro de um *RP*. Estas são as ocorrências que justificam a classificação de pronome, daí a nomenclatura. Quando se encontra nessa posição, é sempre referenciada no complexo verbal, seja com um morfema pessoal ou com a ausência de um, no caso da terceira pessoa do singular ou do plural inanimado.

(3.19)

Wañ,	witkó, maḥpíya	na	makḥá	kiŋ	hená	lé
INTERJ	tolo céu	e	terra	DEF	esses	este

m-iyé Ø-wa-káḡe ló.

1sgU-ser (3sgU)-1sgA-fazer ENCL

“Olhe, tolo, Eu que fiz o céu e estas terras.” (DT: 2)

(3.20)

K'éyaš n-iyé e-Ø-h-é čiŋ uŋ bl-ušlókiŋ
 Mas 2sgU-ser STEM-(3sgU)-2sgA-dizer DEF POSP 1sgA-tirar (sapatos)

kte ló.

FUT ENCL

"Mas já que você diz, vou tirá-los (os sapatos)" (DT: 101)

Em 3.19 e 3.20, temos exemplos de *iyé* flexionado na primeira e na segunda pessoa respectivamente, funcionando como *RP* do núcleo verbal.

As duas sentenças abaixo apresentam *iyé* em seu uso pronominal junto ao artigo *ča*, frequentemente usado para trazer o foco para o sintagma em questão ou para criar orações relativas. Seu uso, no entanto, parece ser optativo

para *iyé* e as sentenças 3.19 e 3.20 podem ser interpretadas como sendo a mesma estrutura, mas com o artigo omitido.²⁴

(3.21)

N-iyé čha ni-čákižiŋ kte.

2sgU-ser ART 2sgU-sofrer FUT

“É você que vai sofrer.” (NLD: 397, *niyé*)

²⁴ Da mesma forma, as sentenças 3.19 e 3.20 poderiam conter o morfema *čha* sem alteração do significado.

(3.22)

N-iyé-pi čha wówaš'ake kiŋ yuhá n-aŋká-pi.

2sgU-ser-PL ART poder DEF ter 2sgU-sentar-PL

“São vocês que tem o poder.” (NLD: 397, niyé)

Ao interpretar *iyé* como verbo em 3.21 e 3.22, podemos analisar a estrutura do *RP* como sendo uma forma de clivagem, semelhante a de línguas do tipo *dependent-marking*, como o português.

A raiz *iyé* flexionada na segunda pessoa do singular ou do plural também pode ser usada como *RP* em sentenças com verbos no imperativo, mas, uma vez que o imperativo é formado pela raiz verbal seguido pelas partículas *ye* ou *yo*²⁵, não haverá um morfema pessoal dentro do complexo verbal à qual ela se refere.

(3.23)

Misúŋ, n-iyé Ø-khúte yo!

Irmãozinho sU-ser (3sgU)-atirar IMPER

“Irmãozinho, você atira nele!” (DT: 104)

²⁵ *Ye* é usado por mulheres e *yo*, por homens. No plural, essas partículas fundem-se ao sufixo *pi* e tornam-se *pe* e *po*, respectivamente.

Curiosamente, o verbo *héčha* apresentado no tópico 3.2 também pode ocupar a posição de *RP*, mas, diferente de *iyé*, é tratado no *New Lakota Dictionary* apenas como verbo. Quando se encontra nesta posição, geralmente é traduzido como “um desse tipo”, demonstrando uma relação com a função geral do verbo, que é classificar entidades.

Assim, o uso de *héčha* é complementar ao uso de *iyé*, tanto no núcleo da sentença quanto no *RP*. Enquanto o primeiro é usado para se referir a uma entidade de maneira genérica, classificatória, o segundo é usado para identificar entidades singulares. Caso *iyé* seja considerado um pronome, *héčha* deveria logicamente seguir a mesma lógica, uma vez que a estrutura sintática é a mesma.

3.4 Pronomes interrogativos, negativos e substantivos

Além da *iyé* e *héčha*, existem outras raízes que compartilham situações semelhantes. Apresentaremos algumas delas aqui, embora nem todas sejam tratadas como pronome na literatura: os interrogativos *tuwá* “quem”, *táku* “o que”, o negativo *tuwéni* “ninguém” e alguns substantivos que designam pessoa, como *hokšíla* “menino” ou *lakhóta* “lakota”. Estas raízes podem ser usadas como *RP*, mas também aceitam morfemas pessoais, ou seja, podem ocupar a posição de núcleo verbal sem depender de nenhuma outra palavra. O paradigma de todas essas raízes é o mesmo dos verbos estativos.

(3.24)

Iktó “Misúŋ²⁶, ni-túwe hwo?” Ø-Ø-eyá yuŋkhán “waŋ,

Iktó irmãozinho 2sgU-quem INT (3sgU)-(3sgA)-dizerentão INTERJ

lé Imáhe-Wičhóthi e-Ø-Ø-číya-pi kiŋ hé

Este Dentro-Eles-moram STEM-(3sgU)-(3sgA)-chamar-PL DEF esse

m-iyé yeló” Ø-Ø-eyá a-Ø-Ø-yúpta kéye.

1sgU-ser ENCL(3sgU)-(3sgA)-dizerSTEM-(3sgU)-(3sgA)-responder EVID

“Iktó disse “Irmãozinho, quem é você?” e ele respondeu: “Eu sou o que chamam de Aquele-em-que-Eles-Moram-Dentro” (DT: 103)

²⁶ O vocativo *misúŋ* “irmãozinho” usado frequentemente pela personagem Iktómi, refere-se ao fato deste ser um dos seres mais antigos criados e, por isso, é considerado um irmão mais velho

A representação sintática de 3.24 será dividida em duas partes, incluindo apenas o conteúdo da fala das personagens. Tratam-se de um questionamento sobre a identidade de uma delas e a resposta.

No exemplo acima, a raiz *tuwé* recebe o morfema pessoal de segunda pessoa *ni*, constituindo sozinha, o núcleo da oração. A resposta terá no lugar de *tuwé*, portanto, na posição de núcleo da sentença, a raiz *iyé* e não o nome da personagem:

É importante notar ainda que há uma relação pragmática entre *tuwé* e *iyé* no trecho acima: são raízes usadas na identificação de pessoas. Da mesma forma, *tuwé* assume a função de *RP*, permitindo que se questione um dos argumentos do verbo (sentença 3.25). Pode também ser usado com o artigo *čha* (sentença 3.26), em construção análoga a das sentenças 3.20 e 3.21.²⁷

²⁷ Note que na sentença 3.25 a raiz assume a forma *tuwá*. Este fenômeno ocorre com todos os verbos que fazem ablaut e a variedade de formas depende do morfema usado após a palavra. A terminação em /e/ é usada principalmente diante dos morfemas *kiŋ*, *k'unŋ*, *čha*, *šni* e quando não é seguida por nenhuma outra palavra.

(3.25)

Ø-Tuwá Ø-čhéya he?

(3sgU)-quem(3sgA)-chorar INT

“Quem está chorando?” (NLD: 565, tuwá)

(3.26)

Hé Ø-tuwé čha léčhel o-má-Ø-ki-ħ'an hwo?

Esse (3sgU)-quemART assim STEM-1sgU-(3sgA)-DAT-fazer INT

“Quem foi que me fez isso?” (DT:121)

A sentença a seguir nos mostra mais uma evidência de que o uso pronominal de *tuwé* pode ser também interpretado como verbo:

(3.27)

Lé	ni-túwe	čha	wa-úŋ-ši-ya-la	héčiharj
Este	2U-quem	ART	STEM-2U-ter.compaixão	se

[thiyópa kin] Ma-kí-yuğañ yo.

[porta DEF] 1sgU-DAT-abrir IMPER

“Quem quer que seja você, tão gentil, abra (a porta) para mim.” (DT: 89)

Ao mesmo tempo em que o sintagma *lé nitúwe čha* é *RP* do verbo *waúñšila*, referenciado neste pelo morfema de segunda pessoa *ya*, recebe em si próprio uma marca pessoal, constituindo assim um núcleo de predicado dentro do próprio *RP*. Trata-se da mesma estrutura presente nas sentenças 3.21, 3.22

e 3.26. A oração *Lé nitúwe čha waúŋšiyala*, por sua vez, é subordinada ao verbo *Makíyuğan yo* através da conjunção *héčihan*, usada introduzir uma oração interrogativa.

A forma negativa *tuwéni* “ninguém” também é usada no núcleo verbal e no *RP*. Por ter um sentido negativo, aparece junto com o enclítico *šni* quando é o núcleo da oração. As sentenças em 3.28 e 3.29 a mostram na posição de núcleo da oração e de *RP*. Não foi encontrado nenhuma ocorrência desta raiz com o morfema *čha*.

(3.28)

Ma-túweni šni.

1sgU-ninguém NEG

“Eu não sou ninguém.” (NLD: 566, tuwéni)

(3.29)

Ø-Tuwéni waŋ-má-Ø-yaŋke šni.
 (3sgU)-ninguém STEM-1sgU-(3sgA)-ver NEG

“Ninguém me viu.” (NLD: 566, tuwéni)

Em seguida, apresentamos a raiz *táku* “o que”. Embora seja mais utilizada na terceira pessoa para se referir a seres não humanos e seres inanimados (compare a pergunta em 3.30 e a resposta em 3.31), pode receber também qualquer um dos morfemas pessoais. Quando se trata de seres humanos, questiona informações como grupo social de pertença, gênero ou fase da vida (sentenças 3.32 e 3.33).

(3.30)

Lé Ø-táku he?

Isto (3sgU)-o queINT

“O que é isto?” (NLD: 519, táku)

(3.31)

Lé wówapi Ø-héčha.

Isto livro (3sgU)-ser

“Isto é um livro.” (NLD: 519, táku)

(3.33)

Lakǰóta he-má-čha.

Lakota STEM-1sgU-ser

“Eu sou lakota.” (NLD: 519, táku)

Como pode ser notado nos dois últimos exemplos, da mesma forma que *tuwé* e *iyé* nas orações em 3.24, há uma relação pragmática entre *táku* e *héčha*: se a informação que se busca é uma característica compartilhada por outros indivíduos (como o fato de pertencer ao povo lakota), é natural que a resposta venha acompanhada de *héčha*.

Apesar de não ser o foco principal deste trabalho, é importante abordar aqui um pouco sobre os substantivos que designam pessoa em lakota. Substantivos como *hokšíla* “menino”, *wičháša* “homem” ou *lakǰóta* “lakota” aceitam os morfemas pessoais da mesma maneira como os verbos estativos e outras palavras que temos visto até aqui. Observe abaixo o paradigma de *hokšíla*:

(3.34)

Ho-Ø-kšíla	STEM-(3sgU)-menino	ele é um menino
Ho-Ø-kšíla-pi	STEM(3U)-menino-PL	eles são meninos
Ho-ní-kšíla	STEM-2U-menino	você é um menino
Ho-ní-kšíla-pi	STEM-2U-menino-PL	Vocês são meninos
Ho-úŋ-kšíla	STEM-1dU-menino	Nós dois somos meninos
Ho-úŋ-kšíla-pi	STEM-1dU-menino-PL	Nós somos meninos
Ho-má-kšíla	STEM-1sg-menino	eu sou um menino

Uma característica interessante que difere o lakota de outras línguas em que o substantivo também recebe marcas pessoais é o fato de o morfema não indicar posse, mas sim se referir a alguma característica da entidade descrita. Seu uso é análogo ao do verbo *héčha*, sendo possível a troca entre as duas sentenças:

(3.35)

Ni-táku he?

2U-o que INT?

O que você é? (NLD: 519, táku)

(3.36)

Hokšíla he-má-ča.

menino STEM-1sgU-ser

“Eu sou um menino.”

(3.37)

Ho-má-kšila.

STEM-1sgU-menino

“Eu sou um menino.”

Como resposta para a pergunta em 3.35, podem ser usadas tanto a sentença 3.36 como a sentença 3.37. A diferença entre uma e outra é apenas estrutural: enquanto em 3.36 o núcleo é o verbo *héčha* e o substantivo *hokšíla* é o *RP* do seu argumento, em 3.37 o núcleo da oração é o próprio *hokšíla*, com os morfema pessoal devidamente posicionado. A representação sintática das duas respostas é dada abaixo:

Este uso de nomes como *hokšíla* no núcleo de uma sentença é restrito à classificação de uma entidade e não pode ser usado no lugar de *iyé*. Outras palavras que se comportam de maneira semelhante são: *wičhíŋčala* “menina”, *wíŋyaŋ* “mulher”, *wičháša* “homem”, *kħoškálaka* “rapaz”, *wikħóškalaka* “moça”, *wičháŋčala* “velho”, *winúŋčala* “velha”, *lakħóta* “lakota”. O termo *mağážu* “chuva” pode ser usado tanto para indicar a chuva quanto para indicar a ação de chover, dependendo da posição em que se encontra dentro da oração:

(3.38)

Maǵážu kiŋ Ø-sní

Chuva DEF (3sgU)-gelado.

“A chuva é gelada.”

No exemplo acima, *maǵážu* ocupa a posição de *RP* em referência ao argumento da raiz *sní* “gelado”. Na sentença abaixo, ocupará a posição de núcleo do predicado:

(3.39)

Ø-Maǵážu kte šni.

(3sgU)-chuva FUT NEG

“Não vai chover.”

O que possibilita o termo *mağážu* ser interpretado como verbo ou como substantivo é principalmente o fato de ser usado exclusivamente na terceira pessoa do singular e desta ser compreendida através da ausência de morfema pronunciado. Em 3.39 percebe-se ainda o uso do enclítico *kte*, usado com os verbos para indicar futuro.

Os substantivos em lakota podem ser classificados como verbos estativos se levarmos em consideração que a terceira pessoa é a própria raiz e que esta pode ocupar o núcleo de uma oração sem a necessidade de *héčha*. Uma característica desse tipo de construção é que ela terá sempre o sentido de classificação e não de identificação.

(3.40)

Lé Ø-wówapi he?

Isto (3sgU)-livro INT

“Isto é um livro?”

(3.41)

Lé Ø-wówapi šni

Isto (3sgU)-livro NEG

“Isto não é um livro.”

Em 3.40 e 3.41 o substantivo *wówapi* “livro” é usado como núcleo da oração. Em 3.40, questiona-se a classificação do objeto e em 3.41, nega-se usando o enclítico *šni*. Da mesma maneira como as sentenças contendo palavras que se referem a seres humanos, as duas sentenças poderiam ser reescritas usando o verbo classificatório *héčha*. Os dois casos acima mostram, portanto, que substantivos inanimados também são capazes de assumir posição de núcleo. Entretanto, da mesma como *mağážu* “chuva”, seres inanimados dificilmente receberão morfemas pessoais, uma vez que costumam se referir à terceira pessoa e esta nunca é marcada.

3.5 *Iyé* em conjunto com posposições

O paradigma de *iyé* é também a forma que precede algumas posposições. Este tipo de sintagma costuma exercer função de *periphery* na sentença, ou seja, não se torna um argumento obrigatório do verbo principal.

(3.42)

Tuwá	táku	m-iyé	etánhanj	napsíl	i-Ø-yáye
Alguém	o que	1sgU-ser	de	pulando	STEM-(3sgA)-
sair					

čij hé Ø-Ø-ičú háŋtaŋhaŋš (...)

DEF este (3sgU)-(3sgA)-pegar se

“Se alguém tirar algo do que sair pulando de dentro de mim...” (DT: 105)

Em 3.24, o constituinte *miyé etánhaŋ* não é um *RP* do verbo, mas está localizado no *periphery*, mostrando que a raiz *iyé* também pode ocupar esta posição. Se interpretarmos *etánhaŋ* como um verbo em posição de *periphery*, *iyé* poderia ser visto como um *RP* deste e *iyé etánhaŋ* seria considerado uma oração subordinada ao verbo *napsíl*. Apesar de frequentemente ser classificado como posposição, *etánhaŋ* também pode assumir posição de núcleo da oração com morfemas pessoais:

A próxima construção a ser estudada é a junção do verbo *iyé* com a conjunção aditiva *na*. Esta pode ser diretamente posposta a um verbo ou a um substantivo (próprio ou não), mas jamais é usada depois de artigos de qualquer tipo ou depois demonstrativos. Para formar um sintagma válido, é necessário usar o verbo *iyé* entre o sintagma e a conjunção, criando-se assim uma oração aditiva.

(3.43)

(...) wačhók'íŋ	k'uŋ	hená	Ø-é	na	nakúŋ	špájšni
Tostado	DEF	esses (3sgU)-ser	e	também	cru	

Ø-hiyéye	č'uŋ	iyúhala
(3sgU)-espalhado	DEF	tudo

“Toda essas (carnes) tostadas e também as cruas espalhadas.” (DT: 27)

(3.44)

Wíŋyaŋ	k'uŋ	waná	wičhóthi-ta	Ø-aglípi	na	čhínč'a	núnpa
Mulher	DEF	agora	aldeia-LOC	(3sgA)-chegar e		criança	dois

k'uŋ	hená	Ø-é-pi	na	hiŋgnáku	kiŋ	k'hó
DEF	esses (3sgU)-ser-PL	e	seu marido	DEF	também	

Wañ-wičha-glák-khiya-pi kheš átayaš él
 STEM-3plAnim-ver-CAUS-PL mas nada LOC

é-wičha-Ø-wačhiŋ šni.
 STEM-3plAnim-(3sgA)-interessar-se NEG

“A mulher agora foi trazida para o acampamento e fizeram-na olhar para seu marido e seus dois filhos, mas ela não deu nenhuma atenção.” (DT: 211)

Os dois exemplos acima nos mostram *RP* com a conjunção *na* em sua composição. De imediato pode se notar que o verbo *iyé* não é repetido em cada um dos itens somados, mas apenas naquele que carrega o artigo *k'uŋ* e o demonstrativo *hená*. Outro detalhe é, apesar de nos dois casos a conjunção estar somando itens no plural, o verbo *iyé* recebe o sufixo *pi* apenas em 3.40.

A próxima estrutura é formada com a posposição *káyeš* “até mesmo” e, da mesma forma que a conjunção *na*, não pode ser precedida diretamente por artigos ou demonstrativos. Assim, insere-se o verbo *iyé*, criando uma oração dentro do *RP*.

(3.45)

Hohú kiŋ Ø-é káyeš i-Ø-Ø-čú-pi.

Osso DEF (3sgU)-ser até mesmo STEM-(3sgU)-(3sgA)-pegar-PL

“Eles pegaram até mesmo os ossos.” (NLD: 102, é káyeš)

Neste primeiro exemplo, *káyeš* aparece com um substantivo no singular e o *RP* funciona como *Undergoer* do núcleo verbal *ičú*. Uma vez que o substantivo é marcado com um artigo definido, inclui-se o verbo *iyé* na terceira pessoa do singular. Nas orações 3.46 e 3.47, apresentadas abaixo, percebe-se a variação de pessoa no núcleo verbal do *RP*: em 3.46, *iyé* encontra-se no plural por referir-se a uma entidade naturalmente pluralizada. Em 3.47, usa-se a primeira pessoa exatamente nas mesmas condições dos exemplos anteriores.

(3.46)

Thítakuye Ø-é-pi káyeš ó-Ø-Ø-kiya-pi

Parentes (3sgU)-ser-PL até mesmo STEM-(3sgU)-(3sgA)-ajudar-PL

šni.

NEG

“Nem mesmo os parentes o ajudaram.” (NLD: 103, é káyeš)

(3.47)

M-iyé káyeš tšéhanyaŋ čha o-wá-kihi šni.
 1sgU-ser até mesmo longe ART STEM-1sgU-poder NEG

“Nem mesmo eu posso continuar (ir tão longe).” (NLD: 103, é káyeš)

Por último, apresentamos a interação entre *iyé* e a posposição *s’e*, usada para fazer comparações. Esta conjunção, assim como na, pode incluir ou não o verbo *iyé*, mas há uma alteração no significado e no uso. Observe os exemplos:

(3.48)

John Ø-é s’e líla Ø-witkó-tkoke.

John (3sgU)-ser como muito (3sgU)-louco-REDUP

“Ele é tão louquinho quanto John.” (NLD: 103, é s’e)

(3.49)

Wakḥáŋheža s'e wa-Ø-náḥ'uŋ šni.

Criança como ABS-(3sgA)-ouvir NEG

“Ele é desobediente como uma criança.” (NLD: 503, s'e)

Em 3.48 e 3.49, os elementos de comparação são, respectivamente, *John* e *Wakḥáŋheža* “criança”. A diferença entre eles reside no fato de que John é uma entidade específica, ao contrário de *Wakḥáŋheža*, que designa a criança em geral. Assim, a presença de *iyé* se torna lógica, já que é o verbo usado na identificação. Outra característica de *iyé* nesta construção é a possibilidade de receber os morfemas das demais pessoas, formando *miyé s'e*, *niyé s'e* etc.

3.50 apresenta a conjunção *s'e* precedida por outro verbo, a fim de comparação. Nota-se que o núcleo verbal *wanyáŋke* ocupa exatamente a mesma posição que *iyé* nos dois exemplos anteriores.

(3.50)

Wan-Ø-Ø-yáŋke šni s'e Ø-yanká-he.

STEM-(3sgU)-(3sgA)-ver NEG como (3sgA)-sentar-DUR

“Ele estava sentado como se não tivesse notado isso.” (NLD: 503, s'e)

3.6 Iyeš

A raiz *iyé* pode juntar-se ao sufixo *š* para criar um sentido adversativo, contrastando a pessoa em questão com outras já citadas no texto. Este sufixo é usado para marcar contraste em algumas conjunções e advérbios.

(3.51)

M-iyé-š lé tḥokáheya wa-hí k'uŋ.

Eu-advers este primeiro 1sgA-vir PAS

“Fui eu que cheguei primeiro (e não os outros).” (NLD: 256, iyéš)

Embora na gramática de Boas *iyéš* seja apresentado como um conjunto à parte de pronomes, este pode ser agrupado dentro de *iyé*. Uma prova disso é que a ideia de contraste que o sufixo *š* adiciona pode ser usada em outras posições, como pode ser verificada no exemplo abaixo:

(3.52)

Thibló	wičá-Ø-la	šni	tkháš	miyé
Irmão mais velho	STEM-3sgA-concordar	NEG	mas	eu

lyówiŋ-wa-ye.

STEM-1sgA-aceitar

“Meu irmão não concorda com aquilo, mas eu aceitei.” (NLD: 256, iyéš)

Na sentença acima, o sufixo adversativo não se encontra na pessoa que forma o segundo contraste (*miyé*), mas na conjunção que a antecede. A forma (...) *tkhá miyéš* (...) também é aceita.

3.7 íŋš

O terceiro grupo de “pronomes” a ser estudado neste trabalho apresenta algumas das características já levantadas nos dois grupos anteriores, mas possui também problemas particulares tanto na forma quanto no uso. A intenção da análise aqui apresentada não é chegar a uma conclusão definitiva sobre a melhor forma de classificá-los sintaticamente, mas identificar possibilidades de interpretação.

3.7.1 Estrutura morfológica

O terceiro paradigma apresenta algumas inconsistências em relação a sua estrutura morfológica. Diferente de *iyé*, a terceira pessoa não diferencia singular de plural para substantivos animados. Além disso, nenhuma das formas no plural acompanham o sufixo *pi*, possivelmente pela presença do sufixo *š*.

(3.53)

Ø-Íŋ-š/í-š/é-š	(3sgU)-STEM-CON	ele/eles
N-í-š	2sgU-STEM-CON	você/vocês
Uŋk-í-š	1dU-STEM-CON	nós dois/nós
M-í-š	1sgU-STEM-CON	eu

Estes termos são formados pela junção três morfemas²⁸: a raiz *i/e*²⁹, um dos morfemas pessoais prefixado (ou a ausência dele no caso da terceira pessoa), e o sufixo *š*, usado após conjunções e advérbios para indicar a ideia de contraste.

3.7.2 Ocorrências e usos

Devido a presença do sufixo *š*, todas as suas ocorrências indicam alguma forma de contraste entre dois termos citados ou um subentendido. Os exemplos abaixo mostram seu uso com um nome próprio, um substantivo com artigo definido, com um demonstrativo e sem nenhuma outra palavra no mesmo sintagma:

²⁸ Esses termos serão identificados com a sigla CON (contraste) na glosa, levando em consideração seu uso.

²⁹ A terceira pessoa apresenta os alomorfes *i* e *e* na raiz, possivelmente variações da raiz *iyé* e seu alomorfe *é*. A nasalização nas duas primeiras pessoas ocorrem devido à presença de consoantes nasais.

(3.54)

Hehán̄yan waná thǎthǎn̄ka k'un̄ íwahte-Ø-lašni kéye.
 Até agora búfalo DEF STEM-(3sgU)-irritado EVID

“Čháš čhín̄ tókheľ Ø-ñ'anphíča he?” Ø-Ø-eyá
 INTERJ claro como (3sgA)-poder.agir INT (3sgU)-(3sgA)-dizer

yun̄khán̄ lktó íš hehán̄l léčhel Ø-Ø-eyá kéye: (...)
 então lktó CON depoisassim (3sgU)-(3sgA)-dizerEVID

Chegando nesse ponto, agora o búfalo estava irritado. “Afinal, como podemos fazer?” disse e então lktó disse assim: (...) (DT: 33)

Em 3.54, temos *íš* modificando o nome próprio *lktó*. Este *RP* se refere ao papel semântico *actor* referenciado no verbo. O contraste, no entanto, é feito em relação à outra personagem da narrativa, *thǎthǎn̄ka* “o búfalo”, presente na oração anterior. Assim, o contraste é estabelecido entre duas orações. Outra característica importante que deve ser notada é o fato de *íš* estar sendo usado não para substituir um substantivo, mas como modificador de um, uma vez que o sufixo *š* não se liga diretamente a substantivos.

(3.55)

Hokšíla kin̄ ín̄š “Ho, eča un̄čí, itázipa na
 Menino DEF CON INTERJ Neste caso avó arco e

wan̄hín̄kpe khó m-ičáğa yo” Ø-Ø-eyá (...)
 flecha também 1sgU-produzir IMP (3sgU)-(3sgA)-dizer

E o menino disse: “então, vó, faça para mim um arco e flechas também.” (DT: 99)

Em 3.55, *íš* aparece junto ao sintagma definido *hokšíla kin̄* e estabelece o contraste com a personagem *un̄čí* “avó”, já conhecida na narrativa. O sintagma *Hokšíla kin̄ ín̄š*, por sua vez, é *RP* do núcleo verbal *eyá* “dizer”.

Em 3.58, temos a forma da segunda pessoa *níš* como *RP* em um verbo geralmente impessoal. O sufixo de contraste se refere a Iktómi e ao falante.

A oração 3.59 abaixo mostra outra característica peculiar de *ínš*: a possibilidade de usá-lo com sintagmas interrogativos e indefinidos.

(3.59)

héčhetu-Ø-la-pi	na	waná uḡmá	Ø-gnín	na
STEM-(3sgA)-decidir-PL	e	agora um.deles	(3sgA)-ir.pra.casa	e
pḥéta a-Ø-ú	na	uḡmá	íš éna	awányang
Fogo STEM-(3sgA)-trazer	e	um.deles	CON lá	observando
Ø-nážiḡ	hta	Ø-kéya-pi	kéye.	
(1sgA)	FUT	(3sgA)-dizer.isso-PL	EVID	

“Elas decidiram e disseram que uma iria (para casa) pegar o fogo e outra ficaria lá observando.” (DT: 39)

A sentença em 3.59 nos mostra duas personagens, não especificadas, que discutem e tomam uma decisão. A partícula *íš* é usada para contrastar a ação que cada uma deve cumprir, mas não se sabe qual das duas realizará qual ação, pois os dois *RP* de *actor* são marcados pelo termo indefinido *uḡmá* “um deles”. *Íš*, portanto, pode acompanhar tanto sintagmas definidos (3.57 a 3.57) quanto sintagmas indefinidos (3.59 e 3.60 abaixo).

O exemplo a seguir apresenta mais um caso interessante. O narrador, após contar dois desfechos diferentes para uma mesma narrativa, apresenta uma terceira variante iniciando da seguinte maneira:

(3.60)

Etán	ínš	Ø-héya-pi.
IND	CON	(3sgA)-dizer-PL

Alguns dizem isso. (DT: 44)

Em 3.60 temos *íňš* modificando o artigo indefinido *etáŋ* “alguns”. O constituinte formado funciona como agente do verbo *héyapi* “dizem”. O contraste está estabelecido entre os narradores dos dois primeiros desfechos e os narradores de um terceiro, que não serão especificados.

3.7.3 Análise sintática

A análise sintática do paradigma *íňš* apresenta desafios particulares. O objetivo desta dissertação não é chegar à conclusão de qual é a melhor forma de classificá-lo sintaticamente, e sim prover duas formas distintas de interpretá-lo, cada uma com suas próprias consequências. De qualquer forma, como se verá adiante, a maneira como o sintagma é interpretado sintaticamente não irá alterar a estrutura de informação da sentença, permitindo assim o estudo da estrutura enquanto uso pragmático.

A maneira tradicional de interpretar o paradigma *íňš* é enquanto pronome pessoal e conseqüentemente a análise sintática tenderá a aproximá-lo da classe dos nomes. O exemplo abaixo ilustra a associação feita entre um nome e o paradigma aqui estudado:

(3.61)

Ma-wá-ni	yunǵhán	igmúťhaŋka	waŋ
STEM-1sgA-andar	e então	leão da montanha	INDEF
waŋ-Ø-bl-ake	k'éyaš	íňš	waŋ-má-Ø-yaŋke
STEM-(3sgU)-1sgA-ver	mas	CON	STEM-1sgU-(3sgA)-ver

šni.

NEG

“Caminhava e então vi um leão da montanha, mas ele não me viu.”

A análise acima apresenta alguns problemas interessantes. O primeiro já foi discutido nos paradigmas anteriores: se o paradigma for interpretado não como um pronome e sim como um verbo, como será feita a análise sintática? Poderá ela interpretar a variedade de manifestações do paradigma igualmente bem ou melhor? O segundo problema, que é específico deste conjunto, é a co-ocorrência com outros substantivos. Reescrevo abaixo o exemplo (3.55) apresentado anteriormente:

(3.63)

Hokšíla kin íŋš “Ho, echa uŋčí, itázipa na
 Menino DEF CON INTERJ Neste caso avó arco e

waŋhínkpe khó m-ičáğa yo” Ø-Ø-eyá (...)

flecha também 1sgU-produzir IMP (3sgU)-(3sgA)-dizer

E o menino disse: “então, vó, faça para mim um arco e flechas também.” (DT: 99)

Na sentença acima, há a necessidade de interpretar *hokšíla kin íŋš* como um único sintagma, pois não há como o sujeito de uma oração aparecer em dois sintagmas diferentes. No entanto, de que forma pode um pronome pessoal coexistir com o nome que ele deveria substituir?

Uma possibilidade é considerar este uso do paradigma como algum outro tipo de marcador. Assim, as duas ocorrências apresentadas em 3.62 e 3.63 passam a possuir uma relação dissociada, ainda que o uso de ambas seja o mesmo. De qualquer forma, cria-se um novo problema: como classificar este marcador? Seria uma partícula ou um pronome pessoal adjetivo, uma vez que no segundo caso ocorra normalmente depois de um substantivo?

Outro problema, também presente nos outros paradigmas estudados, é como classificá-lo como pronome pessoal se *íŋš* é capaz de se referir a termos indefinidos e como representá-lo sintaticamente.

No presente estudo, apresentarei duas maneiras distintas de analisar a estrutura sintática do *RP*: (1) classificando *íŋš* como um operador, ou seja, transferindo o reconhecimento do núcleo do *RP* para o substantivo; (2) aproximando *íŋš* da estrutura de um verbo e, embora com algumas ressalvas, reconhecendo neste o núcleo do *RP*. Em ambos os casos, tentarei demonstrar inconsistências.

A primeira possibilidade de análise a ser discutida é a do reconhecimento do substantivo enquanto núcleo do *RP*. Neste caso, *íŋš* aparece sempre

orbitando o núcleo e o sintagma não possui argumentos internos. As representações sintáticas de 3.55 e 3.60 abaixo ilustram o modelo:

Nos exemplos acima, *íηš* não desempenha nenhuma função sintática específica, é apenas uma partícula associada a um sintagma e sua ocorrência se baseia na intenção de topicalizar o substantivo *hokšíla* da sentença (3.55) e do indefinido *etáη* da sentença (3.60).

Caso seja optado por utilizar este modelo, é necessário que *íηš* seja ainda interpretado como *operator*, possivelmente como *DEF* ou *DEIC*.

Dois problemas surgem a partir deste modelo. O primeiro diz respeito à generalização: caso *íηš* seja classificado como *operator*, ele não pode ocupar o núcleo de um sintagma e a sentença (3.61) apresentada anteriormente precisará ter uma outra representação, ainda que o uso de *íηš* nos dois casos seja o mesmo. Desta forma, na tentativa de identificá-lo como pronome, há uma cisão na classificação de *íηš*: o pronome pessoal, que pode de fato substituir um nome, e o *operator*, que aparece sempre acompanhado do nome. O segundo problema é o fato do modelo ignorar a estrutura interna da palavra, apresentada em 3.53, mesmo que tal estrutura seja razoavelmente clara. Para este modelo, a associação de *íηš* a um termo indefinido talvez possa ser ignorada, já que neste caso *íηš* estará sempre na posição de *operator* e poderá ser argumentado que, não sendo um pronome propriamente dito, a terceira pessoa do paradigma poderá desempenhar um uso puramente pragmático.

A segunda possibilidade de análise segue a lógica que tem sido trabalhada nesta dissertação. Dada as semelhanças morfológicas com os paradigmas *iyé* e *iyéš*, apresentadas anteriormente, como a atribuição de morfemas pessoais (argumentos), é possível interpretar *íηš* não como uma partícula, mas como o núcleo do sintagma, de maneira muito semelhante aos exemplos dados até o momento. As sentenças 3.55 e 3.60 seriam representadas da seguinte maneira:

Segundo esta interpretação, em 3.55, o núcleo do sintagma não é mais o substantivo, mas *íŋš* e o substantivo *hokšíla* passa a ser interpretado como argumento referenciado no núcleo. Trata-se então da mesma estrutura sintática empregada pelos outros paradigmas aqui descritos e, assim sendo, carrega a mesma relação com seus argumentos. Isto pode explicar o uso de um termo indefinido com *íŋš* em 3.60, uma vez que o morfema (ou ausência dele) no verbo pode se referir tanto a termos definidos como a termos indefinidos.

A sentença 3.62 ilustra a ocorrência de *íŋš* no *RP* sem um substantivo que o acompanhe:

Ao analisar *íŋš* como núcleo do sintagma capaz de possuir argumentos e, portanto, seus próprios *RP*s, não há nenhum problema em assumir que tais argumentos não sejam descritos quando forem subentendidos pelo contexto, da mesma forma como qualquer outro núcleo verbal desta língua, ou seja, não há

necessidade de distinguir a estrutura sintática de *ínš* quando o substantivo não for pronunciado.

Uma particularidade de *ínš* que é dividida com *iyéš* é o fato destes dois paradigmas não poderem ser núcleo de uma oração principal. O motivo é justificado pelo próprio uso: a junção de uma marca pessoal com o sufixo *š* é usada para topicalizar determinado *RP*. Assim, não faz sentido que *ínš* ou *iyéš* desempenhe o núcleo de uma oração da mesma forma que *iyé* ou *tuwé* poderiam.

3.7.4 *Ínš-eyá*

Outro uso comum de *ínš* é com a partícula *eyá*. Neste caso, cria-se o sentido de “também” e varia de acordo com a pessoa. Usado em outros contextos, *eyá* não possui este significado³⁰, então deve ser interpretado sempre em conjunto com *ínš*. O paradigma para todas as pessoas é:

(3.64)

Ø-Ínš-eyá	(3sgU)-STEM-CON-também	ele/eles também
N-í-š-eyá	2sgU-STEM-CON-também	você/vocês também
Unk-í-š-eyá	1dU-STEM-CON-também	nós dois/nós também
M-í-š-eyá	1sgU-STEM-CON-também	eu também

Da mesma forma como nos casos apresentados no tópico anterior, pode ser usado em *RP* junto com outro substantivo ou com um demonstrativo.

³⁰ Apesar disso, optei por traduzi-lo como “também” na *glossa*. Esta tradução deve ser usada apenas no contexto acima descrito.

(3.65)

(lktó) pahá waŋ kákhel Ø-Ø-yá-hiŋ kta hánl Íya iŋš-eyá

(lktó) colina IND lá (3sgU)-(3sgA)-ir-DUR FUT CONJ Íya CON-também

uŋmá ečhíyatanhaŋ Ø-hiyáya (...)

outro vir de (procedência) (3sgA)-passar

“Quando (lktó) caminhava lá por uma colina, Iya também passava vindo de uma outra direção”. (DT: 1)

(3.66)

Míš-eyá wa-wáči kte.

1sgCON-também 1sgA-dançar FUT

Eu também vou dançar. (DT: 43)

Em 3.65, *iŋš-eyá* refere-se a *Íya*, formando juntos o *RP* do núcleo verbal *hiyáyá* “passar”. Em 3.66, constitui sozinho o *RP* do verbo *wáči* “dançar”. Como pode-se notar na representação abaixo, *iŋš-eyá* pode ser representado da mesma maneira que *iŋš*:

3.8 Íŋš iyé

O terceiro e último grupo de marcadores de pessoa a ser trabalhado aqui é na verdade uma combinação dos dois primeiros. A junção de *iŋš* com *iyé*, ambos devidamente flexionados, reforça inda mais o foco na entidade que realiza a ação, excluindo a possibilidade de outra pessoa participar do ato. Pode ser traduzido como “ele mesmo”. O paradigma abaixo enumera as possibilidades de flexão:

(3.67)

Ø-íŋ-š Ø-iyé	(3sgU)-STEM-CON (3sgU)-ser	ele mesmo
n-í-š n-iyé	2sgU-STEM-CON 2sgU-ser	você mesmo
uŋk-í-š uŋk-íye	1dU-STEM-CON 1dU-ser	nós mesmos
m-í-š m-iyé	1sgU-STEM-CON 1sgU-ser	eu mesmo

Uma vez que *íňš* não recebe o sufixo *pi*, o plural do paradigma acima pode ser compreendido através do plural no verbo principal. Observe abaixo um exemplo na primeira pessoa:

(3.68)

m-í-š	m-iyé	héčhelwówičala	Ø-bl-uhá	šni
1sgU-ser-CON	1sgU-ser	assim	fé	3sgU-1sgA-ter NEG

“Eu mesmo não tenho uma fé assim.” (NLD: *míš miyé*, 369)

Em 3.68, *míš miyé* é o *RP* que corresponde ao agente no verbo *yuhá*. Dentro do *RP*, temos *miyé* como núcleo e *míš* como *RP* deste núcleo. Quanto ao uso da estrutura, temos o foco da oração em *íňš iyé*, criando um contraste

com alguma entidade não citada diretamente na sentença e excluindo a primeira pessoa da proposição “ter determinada fé.”

(3.69)

M-í-š m-iyé kin ma-khíli yeló.

1sgU-ser-CON 1sgU-ser DEF 1sgU-esperto ENCL

“Eu sim sou muito inteligente.” (DT:40)

Há pouca alteração na sentença acima no que diz respeito à estrutura de *ínš iyé*. O que pode ser notado ainda é a possibilidade de utilizá-lo com o artigo definido *kin*, embora não seja necessário, e o uso de *míš miyé* com um verbo estativo. No contexto em que a sentença acima apareceu, a personagem *iktómi*

vangloriava-se de sua própria esperteza perante a inocência de duas mulheres. Observe que a sentença precisa ser entendida como “eu mesmo sou assim”, excluindo outras entidades da qualidade descrita. Não se deve confundir com o sentido “até mesmo eu sou assim”, que em lakota seria *miyé káyeš*.

Para transmitir este uso através de um substantivo, não se usa íŋš, mas *iyé* em conjunto com o termo *iyúŋkħala* (pessoalmente):

(3.70)

Wakħánj Thánka ³¹	kiŋ	hé	Ø-é	čha	iyúŋkħala	él
Wakhan Thanka	DEF	este	(3sgU)-ser	DEF	pessoalmente	LOC

Ø-Ø-hí.

(3sgU)-(3sgA)-vir.

“Wakhan Thanka veio pessoalmente até ele.” (DT:213)

³¹ Literalmente “Grande Sagrado” ou “Grande Poder”, constitui na religião o conceito que talvez mais se aproxime de um deus exclusivo. No entanto, de acordo com alguns mitos, não há possibilidade de quantificá-lo e nem mesmo as divindades mais poderosas possuem total compreensão de sua manifestação. Um de seus nomes religiosos é *Tobtópa*, que significa literalmente “quatro vezes quatro”, demonstrando sua infinitude (quatro e seus múltiplos são números sagrados para a religião lakota).

Enquanto em 3.71 nós temos um exemplo de *iyé* com uma estrutura muito mais simples que aquela apresentada em 3.70, na sentença 3.72 temos *iyé iyúŋkhála* sendo empregado da mesma maneira como *íŋš iyé*. Note que em qualquer um dos casos, *iyé* não pode ser omitido.

Capítulo 4 Pronomes independentes nas narrativas orais

4.0 Introdução

No capítulo 3 foram apresentadas as diferentes formas do que a literatura vem chamando de “pronome independente.” Procurou-se apontar características que os aproximassem da classe dos verbos através de sua estrutura interna e das ocorrências.

O objetivo deste capítulo é, a partir das estruturas de informação apresentadas pela RRG, investigar um outro aspecto dos dois paradigmas apresentados, *iyé* e *íŋš*: seu uso enquanto estrutura de foco dentro das narrativas que serviram de base ao corpus. Esperamos assim descrever a relação pragmática entre a estrutura verbal, seus argumentos e os demais sintagmas de referência, levando em consideração a construção da oração dentro do texto.

4.1 Estruturas de Foco

A Gramática de Papel e Referência (VAN VALIN, 1997) possui sua própria representação da estrutura de foco dentro da sentença. Baseada em Lambrecht (1994), busca estabelecer uma relação entre a morfossintaxe e aspectos discursivo-pragmáticos. Três tipos de foco são considerados: (1) *Predicate Focus*, estrutura que apresenta a relação tópico-comentário; (2) *Sentence Focus*, que tem como foco a sentença inteira e (3) *Narrow Focus*, que direciona o foco para um constituinte específico. As sentenças a seguir exemplificam cada uma das possibilidades listadas. O ângulo que pende para baixo das sentenças na representação sintáticas representa o *Potential Focus Domain*, isto é, o espaço na oração em que o foco poderia ocorrer. O triângulo interno representa o *Actual Focus Domain*, o foco que de fato se manifestou em determinada sentença.

(4.1)

Hokšíla kinj hé Ø-táku tókĥ-Ø-un he?

Menino DEF esse (3sgU)-o queSTEM-(3sgA)-fazer INT

“O que esse menino fez?”

A sentença 4.1 apresenta a estrutura conhecida como *Predicate Focus*. Nela temos *hokšíla kinj hé* como tópico e o restante da oração como a informação a ser buscada. Uma resposta como *hokšíla kinj hé igmú wan kté ló* “esse menino matou um gato” seria válida para esta pergunta, mas como a tendência da língua é não citar as informações subentendidas, é mais provável que se diga *igmú wan kté ló* “matou um gato”, omitindo o tópico. É importante notar também que o lakota não possui nenhum morfema obrigatório para marcar tópico como a partícula *wa* do japonês ou *ma* do Mbyá. Assim, a interpretação da oração enquanto tópico-comentário depende do contexto em que está inserida.

(4.3)

Ø-Táku čha waŋ-l-áka he?

(3sgU)O que ART STEM-2sgA-ver INT

“O que foi que você viu?” (NLD: 75, čha)

Em 4.3 temos um caso de *Narrow focus*. Nela o constituinte *táku čha* “o que é que” é a informação a ser buscada enquanto o núcleo verbal e um de seus argumentos *waŋláka* “você vê” já são conhecidos. Uma das funções do artigo *čha* é justamente trazer o foco para um constituinte, como foi demonstrado com o uso pronominal de *iyé* e dos interrogativos (tópicos 3.3.1 e 3.4).

4.2 Marcas de pessoa e estrutura de foco

No capítulo dois deste trabalho foi introduzido brevemente os morfemas que se ligam as raízes para indicar pessoa. Estes morfemas podem ser divididos em dois grupos: os que indicam *undergoer* (U) e os que indicam *agent* (A). Como

pode ser confirmados em sentenças como 4.4, 4.5 e 4.6, qualquer um dos dois conjuntos de morfema podem ser usados com *iyé* ou *íŋš*, embora não sejam comuns no caso para se referir ao objeto de verbos transitivos.

As sentenças abaixo nos darão mais informações sobre a relação entre os morfemas pessoais e as estruturas de foco:

(4.4)

The-čhí-ńhila kštó.

STEM-2sgU+1sgA-amar ENCL

“Eu te amo” (NLD: theńhila, 523)

(4.5)

Makńá bl-ublú na hé Ø-íŋ-š Ø-wóžu.

Terra 1sgA-arar e este (3sgU)-STEM-COM (3sgA)-plantar.

“Eu arei a terra e esta (pessoa) plantou.” (NLD: íŋš, 225)

(4.6)

Ø-lyé-pi čha héčh-Ø-uŋ-pi.

(3sgU)-ser-PL DEF STEM-(3sgU)-fazer-PL.

“Eles que fizeram isso.”

A sentença 4.4, composta de apenas um verbo que carrega em si o núcleo do predicado e todos os seus argumentos, é um exemplo de *sentence focus*. Como já foi exposto, este tipo de sentença não exige nenhuma pressuposição dentro do discurso e ela inteira é considerada uma asserção, sem que o foco caia em nenhum segmento específico. Dessa forma, os argumentos do verbo (indicados pelos morfemas pessoais) são interpretados juntos com o núcleo, no

que se refere à estrutura de foco. A representação sintática com a estrutura de foco desta sentença é a seguinte:

Em 4.5, temos um caso de *predicate focus*. o *RP* *hé iŋš* é o tópico e o restante da oração é a informação nova sobre este tópico. Apesar da referência do *RP* no verbo (indicado por $\emptyset$), os morfemas pessoais ligados a este possuem o mesmo foco que o resto do predicado. A árvore abaixo ilustra este caso:

Por último, podemos ver em 4.6 um caso de *narrow focus* usando *iyé*. Nesta sentença, assim como em 4.5, um dos argumentos do verbo principal possui um *RP* que o descreve, mas desta vez o próprio *RP* carrega o foco da sentença.

Ao comparar estas três estruturas de foco com as sentenças contendo marcas de pessoa em *RP* apresentadas, nota-se que as sentenças com *iyé* tendem a indicar *Narrow Focus*. Por sua vez, os *RP* que possuem o paradigma de *íŋš* tendem a indicar *Predicate Focus*, embora não seja a única maneira: em 4.1 houve a mesma estrutura sem o uso da marca de pessoa no *RP*.

Pode-se constatar ainda que os morfemas acoplados aos verbos não são capazes de indicar sozinhos o foco da sentença. Enquanto no *predicate focus* e no *sentence focus* eles serão interpretados em conjunto com o núcleo verbal, no *narrow focus* será necessário empregar um *RP* para desempenhar a função, sendo uma das possibilidades o uso de *iyé* e suas flexões.

4.3 Padrões derivados do narrow focus

A partir do reconhecimento de estruturas de foco e das marcas de pessoa é possível identificar alguns padrões. Neste tópico veremos duas construções que podem ser usadas com o verbo *iyé*. A primeira delas, muito recorrente nos

textos narrativos, é a associação de uma oração de identificação com a partícula *čha*, formando a expressão *hé é čha*. O trecho dado no exemplo 4.7 nos servirá para demonstrar seu uso mais comum.

(4.7)

Héčhel héčh-Ø-uŋ-he ħčehánl šúnkala waŋ kħuŋšítku kiŋ
Assim STEM-(3sgU)-fazer enquanto cachorro IND sua avó DEF

Ø-Ø-yuhá yuŋkhán hé Ø-é čha thimáhel
(3sgU)-(3sgA)-ter então Esse (3sgU)-ser ART dentro da tenda

Ø-hiyú kéye.
(3sgA)-entrarEVID

“Enquanto ele estava fazendo assim, entrou na tendo um cachorrinho que sua avó possuía.” (DT: 97)

A oração *šúnkala waŋ kħuŋšítku kiŋ yuhá*, que literalmente significa “sua avó possuía um cachorrinho” seguida pela conjunção *yuŋkhán* introduz no meio da narrativa uma nova personagem, o cachorro, que logo em seguida se torna agente e foco do verbo *hiyú* “entrar”. O foco é marcado pela construção *hé é čha*,

que dentro deste contexto pode ser entendida como “é esse (cachorro em particular) que...” e desempenha a função de RP do núcleo verbal *hiyú*.

Embora seja mais comum seu uso com *yunḱhán*, esta construção pode ser usada junto com o artigo definido *k'un*. Neste caso, não há introdução de uma nova personagem na narrativa, mas remete o ouvinte a algo já citado em algum momento do texto antes de colocá-lo na posição de foco. O restante da oração não sofre alteração e *hé é čha* continua sendo *RP* de algum núcleo verbal.

(4.8)

Ektá é-Ø-tunwan yunḱhán Anúṅ Ité k'un hé Ø-é
 LOC STEM-(3sgA)-olhar então Duas Faces DEF **Esse (3sgU)-ser**

čha napé apáhaha étkiya Ø-ín-Ø-yanḱa kéye.

ART mão levantado DIR (3sgA)-STEM-(3sgA)-correr EVID

“Ao olhar para lá era Duas Faces que vinha correndo com as mãos levantadas.”

(DT: 48)

Em 4.8, há uma reintrodução da personagem Duas Faces (sua última referência no texto havia sido doze orações antes na forma de *Undergoer* e há dezoito orações como Actor) através do artigo *k'uŋ* e logo em seguida se torna foco para o núcleo verbal *íŋyaŋka* “correr”.

(4.9)

Mas'ihuŋničatŋa waŋ uŋ pŋá wičhá-kaksaksa k'uŋ
Machadinha INDEF com cabeça 3plAnim-
despedaçar DEF

hé Ø-é čha Ø-Ø-ičú na úŋ čhéyaya
Esse (3sgU)-ser ART (3sgU)-(3sgA)-pegar e com ele
 chorando

íš ehákela wíŋyaŋ k'uŋ Ø-Ø-kaŋúŋuğa škhé.
Ele finalmente mulher DEF (3sgU)-(3sgA)-destruir EVID

“O machado que ela havia sido usado para despedaçar a cabeça deles ele pegou e, chorando, finalmente destruiu a mulher.” (DT: 88)

O exemplo acima nos dá duas informações novas: a primeira é que *hé é čha* não precisa se referir a um *RP* da sentença anterior, mas pode também retomar uma entidade presente na *Periphery*, no caso, o sintagma instrumental *Mas'ihuŋničatħa waŋ uŋ* “usando um machado”. De qualquer forma, trata-se de um machado em particular, portanto, não há contradição em se aplicar a raiz *iyé* na construção. A segunda é que, constituindo um *RP* do núcleo verbal seguinte, pode ser usada também como *undergoer*.

A oração em 4.10 é um exemplo de *iyé* com um uso que nos serve de intermédio entre a estrutura apresentada neste tópico e o uso apresentado no tópico 3.3.1:

(4.10)

Išé	hé	waŋná akhé	Iktó	Ø-é	čha	Ø-ú (...)
INTERJ	esse	agora novamente	Iktó	(3sgU)-ser	ART	(3sgA)-vir

“É o Iktó de novo que vem aí.” (DT: 102)³³

³³ Iktómi é um ser que pode aparecer em qualquer lugar a qualquer momento, muitas vezes disfarçado ou na forma de um coiote. Esta oração é sempre dita quando se descobre sua identidade ou quando sua presença é indesejada.

Sendo o *Iktómi* uma personagem geralmente conhecida dentro do enredo da narrativa e que, portanto, dispensa apresentação, não há necessidade de relembrar sua existência (através de orações com *yunǵhǎŋ* ou *k'ũŋ*, como nos exemplos anteriores) e seu nome pode ser um *RP* do verbo *iyé*. Por sua vez *hé waŋná akhé Iktó é čha* forma o *RP* do núcleo verbal *ú*, da mesma forma como *hé é čha* se porta nos exemplos anteriores.

Estas duas construções, junto dos demais usos de *iyé* e *íŋš*, se revelam muito úteis na elaboração de uma narrativa oral. Diferente da narrativa escrita, em que o texto pode ser repensado e modificado, a narrativa oral depende da memória e da performance do falante, além da habilidade de criar tópicos e de confirmar para o ouvinte as pressuposições desses tópicos sempre que necessário. Conforme foi demonstrado neste tópico, a estrutura *...k'ũŋ hé é čha* é uma das possibilidades, pois combina a função do artigo *k'ũŋ*, que é referir-se a algum elemento já citado anteriormente, com a estrutura de *narrow focus hé é čha*, cujo núcleo é a raiz *iyé*. Outro recurso necessário para o desenvolvimento da narrativa oral é a habilidade de introduzir repentinamente elementos que desempenharam em seguida a função de foco. Tais elementos podem ser repentinos pela intenção de criar um efeito surpresa ou talvez até pelo esquecimento do falante de tê-lo introduzido anteriormente. Uma estrutura recorrente nos textos em lakota que cumpre esta função é a combinação de *yunǵhǎŋ* com *hé é čha*.

Por fim, foi notado em uma narrativa que apresentava mais de um final possível o uso de *íŋš* como recurso para separá-los. No texto *Iktómi in a skull*, após apresentar a introdução e o desenvolvimento do enredo, o narrador conta que não conhece o final verdadeiro da história:

(4.11)

Akšáka	hetáŋhaŋ	tókheŋ Ø-ǵ'áŋ	načhéče
Infelizmente daí	como	(3sgA)-mover	deve ter sido

č'éyaš	ótakiya	na-wá-ħ'uŋ	čhaŋké
mas	diversos	STEM-1sgA-ouvir	por isso

tókhetu	kiŋ	taŋslól-wa-ye	šni.
Qual	DEF	STEM-1sgA-saber bem	NEG

“Infelizmente ouvi diversas (versões) de como ele deve ter agido daí e por isso não sei bem qual é (a verdadeira)” (DT: 44)

Após esta proposição, ele conta cada uma das versões deixando claro que se tratam de finais diferentes. Para introduzir o segundo desfecho, o narrador usou a sentença:

(4.12)

Akhé	léčhel	o-Ø-yáka-pi: (...)
Novamente	assim	STEM-(3sgA)-narrar-PL

“Ainda narram assim: (...)” (DT, 45)

No último desfecho, entretanto, *íŋš* é usado para diferenciá-lo dos demais:

(4.13)

Etán	Ø-íŋ-š	h-Ø-éya-pi: (...)
Alguns	(3sgU)-STEM-CON	STEM-(3sgA)-dizer-PL

“E alguns dizem: (...)” (DT, 45)

Como pode ser observado em sentenças como 3.57 e 4.13, *ínš* é usado para indicar contraste entre tópicos, mas não há necessidade de citá-lo mais de uma vez, podendo ocorrer apenas no último item contrastado. Nos exemplos acima, o contraste é usado não entre elementos dentro do enredo em si (personagens ou acontecimentos), mas como recurso para a estruturação da narrativa oral, em que o narrador precisa citar as fontes. Assim, o que está sendo contrastado são outros narradores e performances, criando um dinamismo dentro do gênero. A prova deste uso reside no fato do narrador não usar o enclítico de evidência *škhé* em nenhuma das sentenças acima, ou seja, nestes casos ele não está citando algo que ele ouviu, mas se posicionando enquanto narrador. Após cada desfecho, *škhé* é empregado para indicar que não é uma criação do narrador e o texto é concluído ao modo tradicional pertinente ao gênero:

(4.14)

Hečhékčhe oštéštēya wóyakapi kinj lé o-Ø-yáka-pi

Assim estranhamente história DEF este STEM-(3sgU)-narrar-PL

s'a. Hehányela owí-Ø-hanke.

Sempre. Até aí STEM-(3sgU)-acabar.

“É assim de modo estranho que contam esta história. E aí ela acaba.”

Considerações finais

A língua lakota dispõe de dois conjuntos de palavras frequentemente classificados pela literatura como pronomes independentes. O primeiro deles, *iyé*, pode ser usado tanto como núcleo da sentença quanto na posição de *RP*, sendo referenciado por algum morfema pessoal no núcleo. Quando usado na posição de núcleo do predicado, a raiz assume o sentido do verbo “ser,” quando usado para identificar entidades. Nos dois casos apresentados, a variação de pessoa é indicada pelo mesmo conjunto de afixos utilizado nos verbos regulares e a raiz pode ser interpretada como um verbo estativo. Daí pode-se questionar se *iyé* é realmente um pronome. Algumas das evidências levantadas foram a possibilidade de aparecer flexionado dentro do *RP* e de possuir seus próprios *RP*. A estrutura sintática das sentenças com *iyé* e seu uso assemelham-se com a da clivagem, presente em línguas como o português.

Foram exploradas ainda outras raízes que apresentam comportamentos semelhantes, como o verbo estativo *héčha* “ser de determinada categoria,” alguns dos pronomes interrogativos que frequentemente se referem a pessoa, como *tuwá* “quem” e *táku* “o que”, e alguns termos que ora são considerados substantivos ora verbos, como *hokšíla* “menino/ser menino” e *lakhóta* “lakota/ser lakota.” Em todas estas raízes foram identificadas ocorrências no núcleo do predicado com afixação de morfemas pessoais e, com exceção dos interrogativos, a possibilidade de negá-los usando o sufixo *šni*.

O segundo conjunto, *íηš*, possui uma estrutura menos clara. Da mesma forma que *iyé*, é capaz de receber afixos pessoais e possivelmente originou-se como uma forma alternativa de *iyé* com o sufixo *š*. Os dois conjuntos compartilham algumas características em comum, mas *íηš* nunca é usado como núcleo de uma sentença. Uma maneira de analisar *íηš* sintaticamente é classificá-lo como núcleo do *RP* e os demais termos como seus sintagmas de referência. Desta forma, a estrutura de *íηš* e de *iyé* podem ser consideradas semelhantes. Outra maneira de interpretar o sintagma é entender *íηš* como algum tipo de modificador (ou *operator*) e assim o núcleo do sintagma passa a ser outro elemento. A co-ocorrência com outros termos dentro do sintagma talvez

seja herança de alguma estrutura anterior, quando *íŋš* possuía uma forma verbal mais clara.

Estas características tipológicas da língua lakota obscurecem os limites formais entre algumas classes gramaticais, como nome, verbo e pronome. Um estudo que visa questionar alguns dos paradigmas já hegemônicos nas teorias linguísticas precisa se atentar, no caso da língua lakota, para outras relações e possíveis semelhanças morfossintáticas, como o caso dos números e de certas posposições como *etáŋhaŋ* “desde/ser de alguma procedência”, que também podem receber os mesmos afixos dos verbos e ocupar posição de núcleo. O que possibilita uma variedade de interpretações por parte dos estudiosos é o fato do lakota não marcar a terceira pessoa através de afixos. Além disso, os morfemas que frequentemente são classificados como artigos, como *kiŋ*, *k’uŋ* e *čha*, são usados também para formar orações relativas, ou seja, um suposto nome deverbal pode ser facilmente tratado como uma oração.

De qualquer forma, ainda que *iyé* e *íŋš* sejam considerados pronomes, os estudos feitos até o momento reconheceram seu uso no *RP* para manipular a estrutura de foco dentro da sentença, atribuindo aos dois conjuntos o nome de pronome enfático. A existência de tais *RPs* se faz necessária já que os morfemas pessoais que são afixados ao núcleo do predicado não são capazes de criar uma estrutura de foco por si só, ou seja, o argumento do verbo só poderá desempenhar função de tópico ou de foco exclusivo, quando for referenciado em um sintagma externo. A distribuição das funções entre os dois conjuntos estudados é a seguinte: enquanto *iyé* é usado para indicar *narrow focus*, *íŋš* é mais utilizado para indicar *sentence focus*. Dentro das narrativas aqui analisadas, vimos ainda que estas palavras são usadas como recurso para a estruturação do texto. Os dois casos mais recorrentes foram o emprego de *iyé* antecedido pela conjunção *yuŋkǎ́áŋ* “e então” para introduzir um elemento novo na narrativa que logo em seguida será posto em foco em algum acontecimento e o uso de *iyé* antecedido por *k’uŋ*, o artigo que retoma algum item já citado, para reintroduzi-lo na memória recente do ouvinte e usá-lo como foco. Estes usos propiciam uma fluência na performance, pois relacionam personagens e as posicionam perante os eventos narrados. Além disso, podem também servir para contextualizar as fontes que o narrador utilizou. Em uma cultura onde a oralidade

é reconhecida como tradição e possui muitas vezes valor religioso ou artístico, a capacidade do narrador de manipular as estruturas linguísticas apresentadas se faz essencial para uma boa fluidez do texto e possivelmente até para sua legitimação, já que, apesar das inovações que a narrativa pode sofrer, ainda há a necessidade de se adequar ao estilo e forma do gênero, em especial a citação constante de que se trata de uma história ou mito ancestral.

Apêndice

Para fins de ilustração do corpus estudado nesta dissertação, transcrevo integralmente uma das 63 narrativas pesquisadas. Nesta pequena amostra é possível encontrar parte dos fenômenos gramaticais analisados. Para facilitar a leitura dos estudantes da língua, optei por adotar a ortografia da maior parte dos livros didáticos e dicionários atuais. A versão original pode ser encontrada respectivamente na página 43 da obra *Dakota Texts* (DELORIA, 1932).

A narrativa será apresentada em três versões: na primeira versão, o leitor poderá apreciar o texto sem interrupção, na segunda será possível acompanhar o texto com a *glossa* e com uma tradução aproximada de alguns termos difíceis de serem traduzidos e, na terceira, a tradução do texto adaptada para o português.

Primeira versão: Texto integral

Iktómi in the skull

Iktómi kákhena ománi yá-haŋ yuŋkhán tókhiya lowáŋpi na akíš'api čha naň'ún škhe. Čhaŋké anágoptaŋ nážiŋ kéye. Héčhena líla íŋš-eyá wačhí-kiniča na sičúha kiŋ yašpúyaya čhaŋké tuktétu čha lé oíyokhipiya škáŋpi héčiŋhaŋiyéye-wačhíŋ kéye. Naň'ún nážiŋ kiŋ ečhéł sáŋp hótħaŋka lowáŋpi na wačhípi na akíš'api yuŋkhán léna čhaŋkú ičágla ptephá waŋ šéča ithímahetu čha nakéš slolyá kéye. Thimáhel iyóyaŋbyela izáŋžanyaŋpi na líla okhílita čha waŋyáŋke. Čhaŋké ištóħloka kiŋ etáŋ éyokas'íŋ yuŋkhán hená hitħúŋkalapi čha wačhípi waŋ oíyokhipi tháŋka čha kágapi. Iktó thiyópa katóto na “Misún, úŋšimakilapi na thimá ú iyówiŋmakhiyapi yé. Míš-eyá wawáchi kte,” eyá kéye. “Wáŋ, ečéš čhiyé kiyúğaŋpi yé,” eyápi čhaŋké waŋná lazátanhan thiyópa kiŋ kiyúğaŋpi. Yuŋkhán phá kiŋ thókéya pathíma hiyúkiye č'éyaš heháŋyela okíhi šni kéye. Yuŋkhán waŋží, “Háŋta po, Iktó hé é yeló!” eyá čhaŋké tokhíyothan iyúha našlóg akhíyagla

škhé. Na oíyokpaza čaṇké tókhiya tḥaṇíṇ šni. Hécheš Iktómi išnála tḥapḥá waṇ pḥóštaṇ yín na hél čhéya-haṇ kéye. Čaṇkú ičágla yaṇkín na tuwá khiyéla hiyáya naḥ'úṇ čaṇ iyéna líla hótḥaṇka-kiya čhéyiṇ na él ú šni sáṇp iyáyapi čháṇšna akhé naḥmáḥma čhéya kéye.

Ho, akšáka hetáṇhaṇ tókheḥ ḥ'áṇ načhéče č'éyaš otákiya nawáḥ'uṇ čaṇké tokhétu kiṇ taṇslólwaye šni. Íṇyaṇ tḥáṇka waṇ yaṇká yuṇkháṇ él í na, “Tḥuṇkášila, lé míčašlokiṇ yé,” eyá čaṇké: Ho ečhá pḥá kiṇ lečhétkiya kóskos hiyúya yo,” eyá ayúpta škhé. Čaṇké ečhúṇ na íṇyaṇkiṇ él iyápḥa čaṇké tḥapḥá k'uṇ átaya kabléčiṇ na iyé pḥá kiṇ iyówas'íṇyaṇ iyápḥa čaṇké natá ksúyeya škhé. Igláitomni na tónačhaṇ owáṇžigži yaṇkín na glépa-haṇ škhé.

Akhé léčhel oyákapi. Tḥapḥá kiṇ hé mnióḥpaṇye šípi čaṇké ečhúṇ na mní t'eíč'iya škhé.

Etáṇ íš heyápi: Čhethí na iwáṇkab tḥapḥá kiṇ yúze (oyúšpe) šípi čaṇké ečhúṇ na ḥuṇnáḥ'ič'iya škhé. Héčekče oštéštaya wóyakapi kiṇ lé oyákapi s'a. Heháṇyela owíhaṇke.

Segunda Versão: texto com glossa

Iktómi in the skull (Iktómi dentro do crânio de búfalo)

Iktómi kákhena	ománi	Ø-yá-haŋ	yuŋkhǎŋ	
Iktómi naquela direção	viajando	(3sgA)-ir-PROG	e então	
tókhiya	Ø-lowáŋ-pi	na	a-Ø-kíš'a-pi	ča
em algum lugar	(3sgA)-cantar	e	STEM-(3sgA)-animar-PL	CONJ

na-Ø-ħ'úŋ	škhé.	Čhaŋké	aná-Ø-ğoptaŋ
STEM-(3sgA)-ouvir	EVID	por isso	STEM-(3sgA)-escutar

ná-Ø-žin	kéye.	Héčhena	líla	ínš-eyá
STEM-(1sgA)-levantar	EVID	Aí	muito	ele também

wa-Ø-čhí-kiniča	na	sičhúha	kiŋ
STEM-(3sgA)-dançar-desejo	e	sola	DEF

Ø-yašpúyaya	čhaŋké	tuktétu	ča	lé
(3sgA)-coçar	e por isso	que lugar	DEF	este

oíyokiphiya	Ø-škán-pi	héčinhaŋ	i-Ø-yé-Ø-ye
animado	(3sgA)-mover-PL	CONJ	STEM-(3sgA)-ir

Ø-wačhín	kéye.	Na-Ø-ħ'úŋ	ná-Ø-žin
(3sgA)-querer	EVID	STEM-(3sgA)-ouvir	STEM-(3sgA)-levantar

kiŋ	ečhél	sáŋp	hóthŋka	Ø-lowán-pi	na
DEF	assim	mais	voz alta	(3sgA)-cantar-PL	e

wa-Ø-čhí-pi	na	a-Ø-kíš'api	yunkhán
STEM-(3sgA)-dançar-PL	e	STEM-(3sgA)-gritar	e então

léna čhaŋkú ičágla ptepǎá waŋ Ø-šéča
aqueles caminho beira crânio de búfalo um (3sgU)-seco

Ø-ithímahetu čha nakéš slol-Ø-yá kéye.
(3sg)-estar dentro DEF finalmente STEM-(3sgA)-saber EVID

Thimáhel iyóyaŋbyela ižánžan-Ø-yaŋ-pi na líla
Dentro claramente STEM-(3sgA)-iluminar-PL e muito

o-Ø-khílita čha waŋ-Ø-yánke. Čhaŋké ištóǎloka
STEM-(3sgU)-animado DEF STEM-(3sgA)-ver e por isso buracodo olho

kiŋ etán éyo-Ø-kas'iy yuŋkhán hená Ø-hithúnkala-pi čha
DEF de STEM-(3sg)-olhar e então estes (3sgU)-rato-PL DEF

wačhípi waŋ oíyokiphithánka čha Ø-káǵa-pi.
dança um grande felicidade DEF (3sgA)-fazer-PL

lktó thiyópa Ø-katóto na “Misún,
lktómi porta (3sgA)-bater e meu irmão mais novo

úŋši-ma-Ø-kila-pi na thimá Ø-ú
STEM-1sgU-(3sgA)-ter piedade-PL e dentro (3sgA)-vir

lyówiŋ-ma-Ø-khiya-pi yé. Míš-eyá
 STEM-1sgU-(3sgA)-permitir-PL IMPER Eu também

wa-wá-čhi kte,” Ø-eyá kéye.
 STEM-1sgA-dançar FUT (3sgA)-dizer EVID

“Wáŋ, ečéš čhiyé Ø-kiyúğaŋpi yé,”
 INTERJ INTERJ irmão mais velho (3sgU)-(3sgA)-abrir para IMPER

Ø-eyá-pi čhaŋké waŋná lazátanhan thiyópa
 (3sgA)-dizer-PL e assim agora de trás porta

kiŋ Ø-Ø-kiyúğaŋpi. Yunkhán pńá kiŋ
 DEF (3sgU)-(3sgA)-abrir para e então crânio DEF

třokéya pathíma hiyú-Ø-khiye č'éyaš
 primeiro forçando STEM-(3sgA)-enfiar mas

hehánýela o-Ø-kíhi šni kéye.
 daí STEM-(3sgA)-conseguir EVID

Yunkhán waŋží, “Hánŋta po, lktó hé
 E então um Olhe IMPER lktómi este

Ø-é	yeló!”	Ø-eyá	čhaŋké
(3sgU)-ser	ENCL	(3sgA)-dizer	e assim

tokhíyothaŋ	iyúha	na-Ø-šlóg
em direções	todos	STEM-(3sgA)-partir de repente

a-Ø-khíyagla	škhé.	Na	o-Ø-íyokpaza
STEM-(3sgA)-ir para a própria casa	EVID	e	STEM-(3sgU)-escuro

čhaŋké	tókhiya	Ø-t̃haŋíŋ	šni.
E assim	onde	(3sgU)-claro	NEG

Hécheš	Iktómi	išnála	t̃hap̃há	waŋ
Assim	Iktómi	sozinho	crânio de búfalo	um

Ø-p̃hóštaŋ	Ø-yíŋ	na	hél
(3sgA)-vestir na cabeça	(3sgA)-ir	e	nesse lugar

Ø-čhéya-haŋ	kéye.	Čhaŋkú	ičágla
(3sgA)-chorar-CONT	EVID	caminho	ao longo de

Ø-yaŋkíŋ	na	Ø-tuwá	khiyéla
(3sgU)-sentar-se	e	(3sgU)-alguém	perto

hi-Ø-yá-Ø-ya			na-Ø-ǎ'úŋ	čhaŋ
STEM-(3sgA)-STEM-(3sgA)-passar			STEM-(3sgA)-ouvir	quando
iyéna	líla	hóthŋkakiya	Ø-čhéyiŋ	na
cada vez	muito	com voz alta	(3sgA)-chorar	e
él	Ø-ú šni	sáŋp	i-Ø-yá-Ø-yapi	čháŋšna .
LOC	(3sgA)-vir	mais	STEM-(3sgA)-STEM-(3sgA)-passar	sempre que
akhé	naǎmáǎma	Ø-čhéya	kéye	
novamente	baixinho	(3sgA)-chorar	EVID	
Ho,	akšáka	hetáŋhaŋ	tókhel	Ø-ǎ'áŋ
INTERJ	infelizmente	daí	como	(3sgA)-mover-se
načhéče	č'éyaš	otákiya	na-wá-ǎ'úŋ	čhaŋké
talvez	mas	vários	STEM-1sgA-ouvir	e assim
tokhétu	kiŋ	taŋslól-wa-ye	šni.	
Qual	DEF	STEM-1sgA-saber bem	NEG	
Íŋyaŋ	Ø-tháŋka	waŋ	Ø-yaŋká	yunǎháŋ
Pedra	(3sgU)-grande	um	(3sgU)-sentar-se	e então

él Ø-í na, “T̃h̃uŋkášila, lé mí-Ø-čašlokiŋ yé,”
 LOC (3sgA)-ir e meu avô este 1sgU-(3sgA)-tire IMPER

Ø-eyá čhaŋké: Ho ečhá p̃há kiŋ
 (3sgA)-dizer e assim INTERJ então crânio DEF

lečhétkiya kóskos hiyú-Ø-Ø-ya yo,”
 esta direção balançando STEM-(3sgU)-(3sgA)-enviar IMPER

Ø-eyá a-Ø-yúpta škhé. Čhaŋké
 (3sgA)-dizer STEM-(3sgA)-responder EVID e assim

ečh-Ø-úŋ na íŋyaŋ kiŋ él i-Ø-yáp̃ha
 STEM-(3sgA)-fazer e pedra DEF LOC STEM-(3sgA)-bater

čhaŋké t̃hap̃há k’uŋ átaya Ø-kabléčiŋ
 e assim crânio DEF completamente (3sgA)-quebrar

na Ø-iyé p̃há kiŋ iyówas’iŋyaŋ i-Ø-yáp̃ha
 e (3sgU)-ser crânio def junto STEM-(3sgA)-bater

čhaŋké natá Ø-Ø-ksúyeya škhé.
 E assim cabeça (3sgU)-(3sgA)-ferir EVID

Ø-igláitomni	na	tónačhaŋ	owáŋžigži
(3sgU)-tonto	e	muitos dias	quieto

Ø-yaŋkín	na	Ø-glépa-haŋ	škhé.
(3sgU)-sentar-se	e	(3sgA)-vomitar-CONT	EVID

Akhé	léchel	o-Ø-yáka-pi.	Tǎpǎhá
Ainda	assim	STEM-(3sgA)-contar-PL	crânio de búfalo

kiŋ	hé	mnióǎpaŋ-Ø-ye	Ø-ší-pi	čhaŋké
DEF	este	STEM-(3sgA)-encharcar	(3sgA)-mandar-PL	e assim

ečh-Ø-ún	na	mnít'e-Ø-íč'iya	škhé.
STEM-(3sgA)-fazer	e	STEM-(3sgU)-afogar-se	EVID

Etáŋ	íŋš	he-Ø-yápi:	Čhe-Ø-thí
Alguns	CON	STEM-(3sgA)-dizem	STEM-(3sgA)-fazer fogo

na	iwáŋkab	tǎpǎhá	kiŋ	Ø-yúze
e	sobre	crânio	DEF	(3sgA)-segurar

Ø-ší-pi	čhaŋké	ečh-Ø-ún	na
(3sg)-mandar-PL	e assim	STEM-(3sgA)-fazer	e

ħugnáħ'-Ø-ič'iya	škhé.	Héčekče		
STEM-(3sgU)-queimar-se	EVID	dessas formas		
oštéštēya	wóyakapi	kiŋ	lé	o-Ø-yáka-pi
Estranhamente	história	DEF	este	STEM-(3sgA)-contar-PL
s'a.	Hehányela	owí-Ø-haŋke.		
Sempre	até aí	STEM-(3sgU)-terminar.		

Terceira versão: Tradução

Iktómi estava viajando e então ouviu que em algum lugar estavam cantando e gritando. Logo ele também quis dançar e sua perna começou a coçar, por isso começou a procurar onde é que se moviam com tanta animação. Ele parou para ouvir e, com a música, a dança e os gritos que ficaram mais altos, ele finalmente soube que era de dentro de um crânio de búfalo que jazia na beira da estrada. Ele viu que haviam iluminado dentro e que estava muito animado. E assim, quando olhou o interior pelo buraco dos olhos, (viu que) eram ratos que faziam uma comemoração muito grande. Iktómi bateu na porta e disse: “Meus irmãozinhos, tenham piedade e me deixem entrar. Eu também vou dançar.” Eles disseram “Bem, abram a porta para nosso irmão mais velho” e abriram a porta dos fundos para ele. Então ele enfiou a cabeça e não conseguiu mais mexer. E então um deles disse “Olhem, é o Iktómi!” e todos fugiram. Estava muito escuro e nada era visível. Assim Iktómi ficou com um Crânio em sua cabeça e começou a chorar. Sentou-se à beira da estrada e, quando ouvia alguém se aproximar, chorava alto. Quando partiam, chorava em silêncio.

Infelizmente eu ouvi esta história de várias maneiras e não posso confirmar qual é a versão verdadeira. Alguns contam que havia uma pedra e ele foi até ela, dizendo “Meu avô, tire isso de mim.” E então a pedra respondeu

“balance a cabeça nesta direção.” Assim, ele o fez e bateu na pedra, quebrando o crânio completamente ao mesmo tempo em que batia e machucava sua própria cabeça. Ele ficou tonto e por muitos dias ficou sentado em silêncio vomitando.

Ainda há os que contam assim: disseram para ele enfiar o crânio na água e, fazendo isso, ele se afogou.

E alguns ainda dizem: disseram para ele fazer uma fogueira e segurar o crânio sobre ela e assim ele fez e se queimou. É dessas maneiras estranhas que eles sempre contam esta história. E aí ela acaba.

Referências Bibliográficas

BOAS, Franz; DELORIA, Ella. *Dakota Grammar*. Washington: United States Government Printing Office, 1941.

BOAS, Franz. *A mente do ser humano primitivo*. 2 ed. Trad. José Carlos Pereira. Petrópolis, RJ, 2011.

BROWN, Joseph E. *The Sacred Pipe: Black Elk's account of the seven rites of the Oglala Sioux*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1953.

CHANKU, Clifford; SIMON, Michael. *The Dakota Prisoner of War Letters: Dakota Kaskapi Okicize Wowapi*. Minnesota: Minnesota Historical Society Press, 2013.

ESTEBAN, Avelino C. *An account of Lakota verbal affixes in transitive stative verbs*. In: 16^{èmes} Rencontres Jeunes Chercheurs (RJC 2013): Modèles et modélisation dans les sciences du langage. Paris: 2014.

CUMBERLAND, Linda A. *A Grammar of Assiniboine: A Siouan Language of the Northern Plains*. Indiana University, 2005.

DELORIA, Ella C. *Dakota Texts*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006. Publicado originalmente em Nova Iorque: American Ethnological Society, 1932.

GAGNON, Gregory O. *Culture and Customs of the Sioux Indians*. Greenwood: ABC-CLIO, 2011.

HASSRICK, ROYAL B. *The Sioux*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1964

LAFONTAINE, Harlan; MCKAY, Neil. *550 Dakota Verbs*. Minnesota: Minnesota Historical Society Press, 2005.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

NETTLE, Daniel; ROMAINE, Suzanne. *Vanishing Voices: The extinction of the World's Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NICHOLS, Johanna. *Head-Marking and Dependent-Marking Languages*. In: *Language*, vol 62. Pag. 56-119. Washington: Linguistic Society of America, 1986.

POWERS, William K. *Oglala Religion*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1982.

_____. *Sacred Language: The Nature of Supernatural Discourse*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1992.

RANKIN, Robert L. *Kanza Languages for Families and Communities*. Kaw City: Kanza Language Project, 2007

RIGGS, Stephan R. *Dakota Grammar, Texts and Ethnography*. Washington: United States Government Printing Office, 1893.

SEAR, Victoria. *Kanza and Osage: Language Materials, Revival and the Necessity for Phonetic Analysis*. Trabalho de bacharelado. Bryn Mawr College, 2013.

ULLRICH, Jan F. *New Lakota Dictionary*. Bloomington: Lakota Language Consortium, 2008.

_____. *Lakħótiya Wóglaka Po! Speak Lakota! Level 1* Lakota Language textbook. Bloomington, Indiana: Lakota Language Consortium, 2004a.

_____. *Lakħótiya Wóglaka Po! Speak Lakota! Level 2* Lakota Language textbook. Bloomington, Indiana: Lakota Language Consortium, 2004b.

_____. *Lakħótiya Wóglaka Po! Speak Lakota! Level 3* Lakota Language textbook. Bloomington, Indiana: Lakota Language Consortium, 2010.

_____. *Lakħótiya Wóglaka Po! Speak Lakota! Level 4* Lakota Language textbook. Bloomington, Indiana: Lakota Language Consortium, 2012.

_____. *Lakħótiya Wóglaka Po! Speak Lakota! Level 5* Lakota Language textbook. Bloomington, Indiana: Lakota Language Consortium, 2014.

VAN VALIN, Robert. *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1993.

_____. *An Introduction to Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. *An Overview of Role and Reference Grammar*. Disponível em: <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/vanvalin/rrg.html> Acesso em: 18 de outubro de 2014.

_____. *Aspects of Lakota Syntax*. Dissertação de pós-doutorado. Berkeley: University of California, 1977.

_____. *Exploring Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Head-Marking Languages and Linguistic Theory*. Disponível em: <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/vanvalin/rrg.html>> Acesso: 18 de outubro de 2014.

_____; LAPOLLA, Randy J. *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WEST, Shannon L. *Subjects and Objects in Assiniboine Nakoda*. Dissertação de mestrado. University of Regina, 1988.

WHITE HAT, Sr. A. *Reading and Writing Lakota Language*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1999.

WOOLFORD, Ellen. *Active-Static Agreement in Lakota: Person and Number Alignment and Portmanteau Formation*. Manuscrito, University of Massachusetts, 2008.

YAMAMOTO, Akira. *Endangered Languages in USA and Canada*. Em: *Language Diversity Endangered*. Nova Iorque: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2007.